



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Letras e Artes
Faculdade de Letras

MONSTROS GREGOS NA RENASCENÇA:
Representações prodigiosas do Novo Mundo

Fernanda Jardim
(DRE - 117043785)

Monografia apresentada à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como quesito parcial para a obtenção do título
de Licenciado em Letras (Português-Inglês)

Orientador: Prof.Doutor Henrique Cairus
Coorientadora: Profa. Doutora Sheila Moura Hue

UFRJ, segundo semestre de 2021

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JARDIM [de Farias Andrade], Fernanda. Monstros Gregos na Renascença: representações prodigiosas do Novo mundo. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2021.

Banca Avaliadora:



Prof. Doutor Henrique Cairus (presidente, Letras-UFRJ)

Grau: DEZ



Profa. Doutora Sheila Moura Hue (Letras-UERJ)

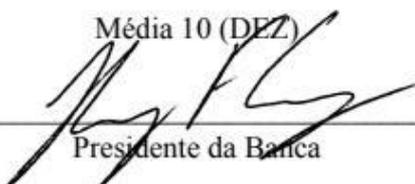
Grau: DEZ



Profa. Doutora Danielle Corpas (Letras-UFRJ)

Grau: DEZ

Média 10 (DEZ)



Presidente da Banca

gov.br

Documento assinado digitalmente

Henrique Fortuna Cairus

Data: 14/12/2021 18:50:00-0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>

CIP - Catalogação na Publicação

JJ37m Jardim, Fernanda
Monstros gregos na renascença / Fernanda Jardim.
- Rio de Janeiro, 2021.
54 f.

Orientadora: Henrique Cairus.

Coorientadora: Sheila Hue.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2021.

1. prodígios. 2. relatos de viagem. 3. renascença
. 4. alteridade. I. Cairus, Henrique , orient. II.
Hue, Sheila, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

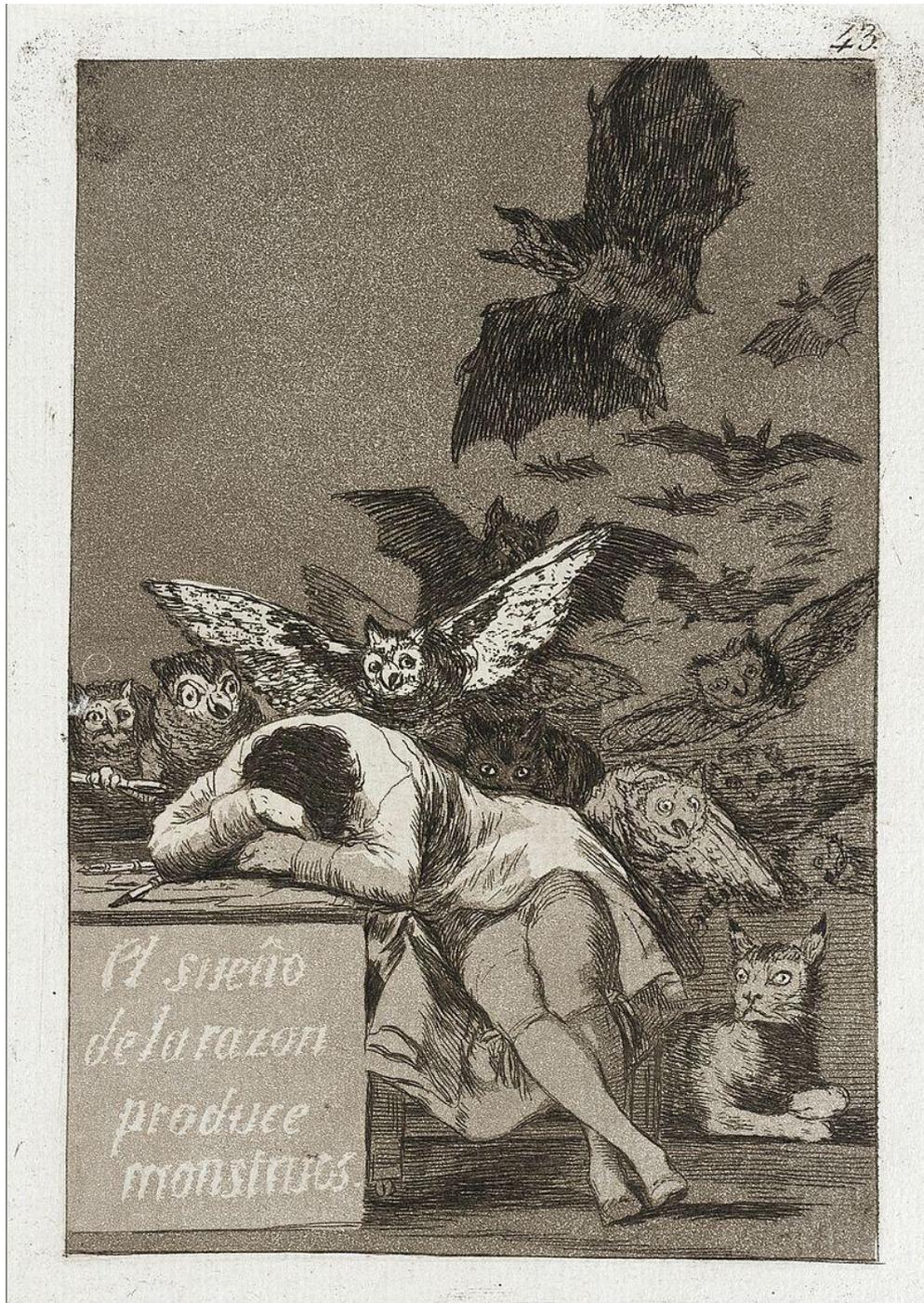
AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, o Professor Henrique Cairus, que acompanho desde o primeiro período da graduação em letras e por cuja dedicação ao trabalho minha admiração, durante esse tempo, só aumentou.

À Professora Sheila Hue pela coorientação, pelas mensagens de apoio ao longo da produção deste texto e cada tempo cedido para me ajudar.

Às minhas duas mães, Anete Jardim e Maria Augusta Jardim, por cada sacrifício, pela rigidez, mas também pelo imenso carinho.

A cada membro do Proaera, por cada reunião, presencial ou não, pelo acolhimento.



O sonho da razão produz os monstros
Francisco Goya

SUMÁRIO

	página
1. INTRODUÇÃO	7
2. COMO SE DESENHAM OS MONSTROS	22
2.1. Os monstros de Jean de Léry	24
2.2. Os monstros de André Thevet	29
2.3. Os monstros de sir Walter Raleigh	34
2.4. O Ipupiara de Gandavo	42
3. CONCLUSÃO	47
4. BIBLIOGRAFIA	49

1. INTRODUÇÃO

No século XVI, circulavam pela Europa, mormente pela Inglaterra, obras que descreviam o Novo Mundo. Esses testemunhos estão vazados em gêneros vários, como tratados, cosmogonias, relatos orais, cartas, diários, entre outros¹ e, ainda assim, assemelham-se por terem como base as vivências pessoais, com privilégio das experiências visuais. Os relatos de viagem rapidamente se constituíram com seus *tópoi* e seu *habitus* específico, para usar uma expressão consagrada por Pierre Bourdieu.

Conquanto fosse esse gênero discursivo algo novo, ao menos no Ocidente, havia precedentes clássicos (e medievais) para a chamada “literatura de viagem”. Esses precedentes constituíram-se em modelos que transitam entre a descrição e a narração, desde a *Odisseia* homérica — exemplar único da narrativa de *nóstos* —, passando pelas *Histórias* de Heródoto, César, Tito Lívio, Tácito e outros, até as gestas de cavalaria (e o romance picaresco) medievais.

Esse gênero peculiar que vai se formando no século XVI conhecerá, pelo menos, dois séculos de interesse público, de reconhecimento e de abundante circulação, visto que atendia inclusive a uma demanda mercadológica de leitores que buscavam se regozijar com as aventuras e as novidades presentes no Novo Mundo² e possuíam seus interesses renovados conforme entravam em contato com as obras e indiretamente com a natureza extraordinária descrita nelas, uma natureza que, de resto, apresentava feições fantásticas.

Os textos dos viajantes -- e não somente daqueles dos século XVI, mas também de seus predecessores, modelos e referências -- além de viabilizarem o acesso do leitor ao maravilhamento a partir do fantástico (mais tarde, do exuberante), parece contar com a configuração peculiar do imaginário de cada um dos autores-viajantes, eles próprios movidos pela percepção desse maravilhoso ou da projeção de uma recepção de seus escritos povoada de maravilhamento. Heródoto, em seu Proêmio, determina que o *θῶμα* (‘espanto’, ‘estranhamento’, ‘maravilhamento’) é o motor do historiador, especialmente do historiador viajante:

¹HUE; SÁ. 2020, p. 198

²GIUCCI, 1992, p. 87-88

Esta é a *apódexis*³ da investigação de Heródoto de Halicarnasso, para que nem os feitos dos homens se tornem evanescentes por ação do tempo, nem as grandes e admiráveis (ἔργα θαυμαστά) obras, realizadas tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros, fiquem sem glória, e em particular por que motivo entraram em guerra uns com os outros. (HERÓDOTO, Proêmio⁴)

A expressão do maravilhamento — desse *θαῦμα* herodotiano — ocorre, na literatura de viagem do século XVI, em duas esferas, a do exótico exuberante e a do inóspito selvagem, em que ambas convergem nas figuras prodigiosas dos demais seres que eram encontrados.

O julgamento positivo ou negativo que os viajantes fazem dos povos americanos, variam, sobretudo, ao sabor da forma como estes recebem aqueles, ditando também a relação que se estabelece entre eles. Uma relação, de resto, codificada por Norbert Elias, em seu *Processo civilizador*. Se se mostram receptivos, os indígenas são considerados menos selvagens ou mais civilizados, do contrário, são tidos como incivilizados⁵. Acerca da mensura da civilidade dos autóctones, Chicangana-Bayona (2018:223-4) propõe:

Essas categorias foram estabelecidas pelos europeus e atendiam mais às relações mantidas por eles com os diversos povos do mundo do que propriamente às características linguísticas, étnicas ou culturais desses povos⁶.

Dessa forma, a insubordinação de um determinado povo seria suficiente como pretexto em um discurso de dominação, em que os aborígenes eram considerados incapazes de dominar a natureza que os formavam e o europeu se apresentaria como um agente propiciador de uma mudança. Portanto, a mesma natureza que os nativos não dominariam por serem selvagens é paradoxalmente a que os mantém nessa condição⁷, a natural.

Outros fatores influenciam para que os indígenas sejam considerados como mais ou menos selvagens, a saber, a cor de sua pele em uma escala de gradação, se cobriam seus corpos de alguma forma e o possível nomadismo, e tais parâmetros eram medidos pelo metro eurocêntrico uma vez que, quanto mais próximos do modelo europeu, mais se

³ O termo aqui não foi traduzido, por expressar o conceito-problema sobre o qual se debruçou a pesquisadora que traduziu esse excerto.

⁴ As traduções de Heródoto são todas de autoria de Tatiana Ribeiro (2005 e 2010).

⁵ CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 224.

⁶ CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 223-224.

⁷ GERBI, 1996, p. 23

tornam “civilizados”⁸. Essa percepção encontra sua síntese na conhecida assertiva de Norbert Elias, segundo o qual “civilização é a consciência que o Ocidente tem de si mesmo”⁹. Assim, Elias vai delineando e acuando estratégias políticas e discursivas de naturalização do não-civilizado (entendido como não-ocidental) e de aculturação do civilizado (entendido como ocidental). Aqui talvez fosse recomendável lembrar, ainda que redundantemente, que as Américas jamais foram entendidas como extremo ocidente, mas, ao contrário, foram interpretadas com as chaves hermenêuticas codificadas pela Antiguidade para a inteligibilidade do povo asiático. Sobre esses povos, Heródoto insistia possuírem culturas próprias, *nómoi*, no dizer do Historiador de Halicarnasso, e, portanto, não estarem limitados aos domínios da natureza. Apesar desse reconhecimento de Heródoto (e de alguns outros poucos autores, como médicos hipocráticos), a ideia de aferir valor de cultura às agremiações humanas não-gregas ou não-europeias jamais ganhou posto hegemônico, nem chegou perto disso.

Dois principais caracteres antagônicos eram atribuídos aos povos nativos: a ‘inocência’¹⁰ e o canibalismo. Esses pólos de caracterização ética começam a ser postulados nesse período e, posteriormente, estabelecer-se-ão, através de um longo processo, como um traço identitário dos povos ameríndios¹¹. Tal ideia está bem sintetizada por Darcy Ribeiro:

Os índios, vistos em princípio como a boa gente bela, que recebeu dadivosa aos primeiros navegantes, passaram logo a ser vistos como canibais, como mero comedores de carne humana, totalmente detestáveis. Com o convívio, tanto os índios começaram a distinguir nos europeus nações e caracteres diferentes, como estes passaram a diferenciá-los em grupos de aliados e inimigos, falando em línguas diferentes e tendo costumes discrepantes. Assim, foi surgindo uma etnologia recíproca, através da qual uns iam figurando o outro. (1995: 57)

Esses dois caracteres possuíam, ainda, mais um aspecto, o de ressaltar as virtudes ou os vícios, sempre com as perspectivas provenientes do Velho Mundo. A índole ‘inocente’ fôra associada tanto à ‘civilidade’ quanto à ‘docilidade’, ao passo que o canibalismo fôra

⁸ Parece ser uma tentativa extrema de Anthony Knivet para aproximar os indígenas e os europeus. Sua estratégia consiste na descrição de uma tribo chamada “molopaques”, que possuiria a pele clara, seria gentil e com o hábito de cobrir o corpo, sendo, portanto facilmente comparada fisicamente e eticamente com os holandeses. Os molopaques, em última instância, confirmavam a naturalização da moral cristã (protestante) e, ao mesmo tempo, a tendência de uma raça aparentemente menos indígena (com pele mais clara) aproximar-se por natureza dos “preceitos religiosos” e dos costumes europeus.

⁹ ELIAS, 1994, p. 24.

¹⁰ Aqui, o termo inocente faz referência a Pero Vaz Caminha, em sua *Carta de Achamento do Brasil*.

¹¹ RIBEIRO, 1995, p. 57.

relacionado com a selvageria em sua forma extrema (identificada com a animalidade que não reconhece sua própria espécie) e com a indocilidade. Aos poucos, e no correr não mais do que dois séculos, fica assentado que os dóceis não são afeitos ao trabalho e os indóceis não se permitem servir a outrem. A comparação entre o europeu e o indígena, coloca seus alvos numa perspectiva axiológica movida pela influência dos conflitos religiosos ou das disputas territoriais, que eram reproduzidos nos textos sobre as Américas¹², e se intensificam devido a convergência do interesse exploratório no continente recém descoberto¹³.

Viajantes protestantes ou anglicanos de primeira hora usavam, por vezes, o modelo de inteligibilidade que se valia da relação entre bárbaro e selvagem, associando o primeiro aos europeus católicos, e os segundos, aos indígenas. Esse ponto de vista se torna evidente, por exemplo, em *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet*, livro escrito pelo inglês Anthony Knivet sobre sua estadia no Brasil em 1591 por ocasião da expedição do pirata Thomas Cavendish. O viajante protestante declara que era preferível conviver com os selvagens antropófagos à barbárie dos portugueses católicos¹⁴. Talvez a identificação de católicos com bárbaros e de indígenas com selvagens esteja ainda mais evidentes em Jean de Léry, que distingue a simplicidade dos tupinambás com a avareza e a ambição desmedidas de seus conterrâneos¹⁵, enfatizando principalmente as falhas daqueles que seguiam o catolicismo.

Embora os viajantes monstrificassem com mais frequência os nativos americanos, eles também davam alguns europeus representações teratológicas, ainda que sob a capa da alegoria. Tal monstrificação do europeu pelo europeu fazia quase sempre parte de uma estratégia discursiva de vilanização do inimigo, e, mais raramente, exaltava a potência ameaçadora do próprio europeu que, qual um Hércules, deve ser um monstro na lida com outros monstros. Villegagnon, o célebre católico francês, é retratado como o ciclope Polifemo em uma gravura feita por Pierre Richer em *Libri duo apologetici ad refutandas naenias*, panfleto que era distribuído com o objetivo de denunciar a postura de Villegagnon, de apresentá-lo e representá-lo como um monstro dos mares, que, conquanto filho de Netuno (ou Poseidon), era a síntese da antítese da cultura: desconhecia o fogo, o vinho, a linguagem e tudo o que o teria deslocado do domínio quase estrito da natureza. Os hábitos selvagens de

¹² LEMOS, 2020, p.205-220

¹³ GIUCCI, 1992, p. 224

¹⁴ KNIVET, 1591 [2008], p. 89

¹⁵ LÉRY, 1578 [2007], p. 112

Polifemo descritos na *Odisseia* são análogos ao comportamento que se atribui a Villegagnon, em que ambas as figuras seriam exageradamente violentas, ignorantes e com o apetite por carne humana¹⁶, gerando essa figura limítrofe entre monstro e homem.

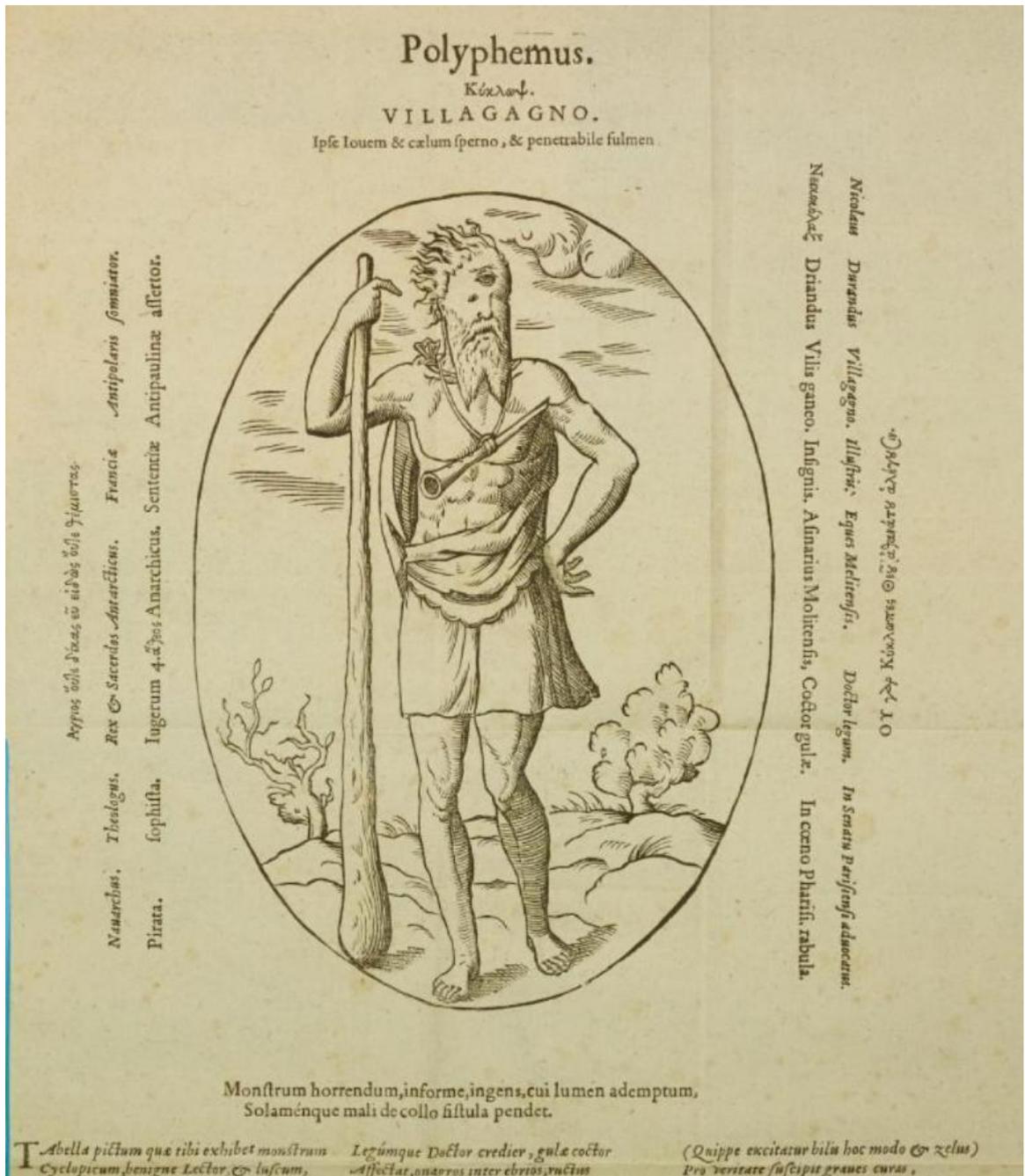


Figura 1: Polifemo de Pierre Richer. In: *De venerandissimo ecclesiae sacrificio ... adversus Calviniani evangeli*, i1, 1562.

¹⁶BERBARA, 2020, p. 231

Outra representação de Villegagnon como Polifemo, esta de um panfleto de 1561, mas com exatamente os mesmos dizeres, ainda que em outra disposição gráfica:



Figura 2: Polifemo de Pierre Richer. In: Petri Richerii Libri duo apologetici ad refutandas nãnias, & coarguendos blasphemos errores, detegendãque mendacia Nicolai Durandi qui se Villagagnonem cognominat, 1561.

Os dizeres das imagens podem ser esquematizados da seguinte forma:

POSIÇÃO (Ed.1562)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO	POSIÇÃO (Ed.1562)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
Parte superior da gravura (fora da figura e escrito na horizontal)	<i>Polyphemus: Ipse Iouem et caelum sperno, et penetrabile fulmen</i> ¹⁷	Polifemo [diz]: rejeito Júpiter e o céu, bem como o penetrante raio.	Parte inferior da gravura (fora da figura e escrito na horizontal)	<i>Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum, Solamenque mali de collo fistula pendet</i> ¹⁸	Monstro horrendo, disforme, imenso, que foi privado da luz, e o solaz de seu mal é a fistula que pende se seu pescoço.
Lado esquerdo externo (fora da figura e escrito na vertical)	ἄγριος οὔτε δίκας εὔ εἰδῶς οὔτε θέμιστας ¹⁹	Selvagem [que] não conhece bem a justiça dos homens nem a divina (texto em grego)	Lado direito externo (fora da figura e escrito na vertical)	οὐ γὰρ Κύκλωπες Θεοῦ ἀθανάτου ἀλέγουσιν ²⁰	Pois os Ciclopes não se importam com um Deus imortal (texto em grego).

¹⁷ Referência à fala sacrílega de Polifemo nas *Metamorfoses* de Ovídio (XIII, 857): *quique Iouem et caelum sperno et penetrabile fulmen* [sou o que desprezo Júpiter e o céu, e também o raio penetrante].

¹⁸ Citação da *Eneida*, de Virgílio (III,658 [*Monstum ...ademptum*] e 661 [*solamenque mali*]). Comentaristas como Gian Biaggio Conte consideram “de collo pendent” um hemistíquio espúrio ou uma interpolação tardia. De fato, o *solamen* parece ser a segunda parte do aposto presente no verso 660: *Lanigeræ comitantur oves : ea sola voluptas [ovelhas lanígeras o acompanham: elas são seu único deleite]; esse verso seria completado, em enjambement por solamenque mali [solaz de seu mal]. O autor ou editor que tomou essa passagem a Virgílio desprezou o verso sobre as ovelhas e privilegiou a fistula pendurada ao pescoço, razão pela qual ela consta de ambas as ilustrações.*

¹⁹ Citação dos *Centos Homéricos* [segundo o Manuscrito A], de Santa Eudócia de Heliópolis (401-460), v.1488, descrição de Polifemo.

²⁰ οὐ γὰρ Κύκλωπες Διὸς αἰγιόχου ἀλέγουσιν / οὐδὲ θεῶν μακάρων (Odisseia, IX, 275-6) [pois os Ciclopes não se importam com Zeus, portador da égide, nem com nenhum dos deuses bem-aventurados]

Lado esquerdo externo	<i>Nauarchus</i>	Navarco	Lado esquerdo interno	<i>Pirata</i>	Pirata
	<i>Theologus</i>	Teólogo		<i>Sophista</i>	Sofista
	<i>Rex et sacerdos Antarcticus</i>	Rei e sacerdote Antártico		<i>Iugerum 4 ἄθεος Anarchicus</i>	4 arapenes ²¹ ateu (em grego) anárquico
	<i>Franciae Antipolaris Somniator</i>	Visionário da França Antipolar		<i>Setentiae Antipaulinae assertor</i>	Defensor das Sentenças Antipaulinas.
Lado direito externo	<i>Nicolaus Durandus Villagagno. Illustris</i>	Nicolau Durando Villegaignon. Ilustre.	Lado direito interno	Νεικοκόλαξ ²² . <i>Nicolaus Driandus</i> ²³ <i>Villis Ganeo</i>	Litigioso adulator (vitupério inventado). Nicolau Driand nome de Villegaignon latinizado, com um trocadilho pejorativo: vilis ganeo = vil beberrão. Extravagante.

²¹ i.e. pessoa que possui 4 arapenes, e, portanto, tem posses inexpressivas.

²² Neologismo formado por νεῖκος (discórdia, contenda) e κόλαξ (adulador). Na pronúncia então usada para o grego, o neologismo νεικοκόλαξ /nikokólax/ fazia ressoar o nome de “Nicolau”.

²³ Muito provavelmente uma referência a Johannes Driandus, citado por Otto O. F. Schütz no quarto livro de seus comentários sobre a *Vita Davidis Chystraei* [Vida de David Chystraeus, um dos primeiros luteranos, que viveu entre 1530 e 1568], de 1720. À página 36, Schütz fala da importância de Johannes Driandus, médico vienense, ao lado de Eberhard Moller (1528-1588, prefeito, i.e., “Consul” de Hamburgo em 1571), como continuadores imediatos de Philippus Melancton, importante comentarista luterano de Tucídides (mas também de Píndaro, de Sófocles, de Eurípides entre outros). David Chystraeus fora contemporâneo mais novo de Philippus. Aparentemente trata-se de uma referência a uma alegada falsa erudição ou à uma dicção empolada de Villegaignon.

	<i>Eques Melitensis</i>	Cavaleiro de Malta		<i>Asinarius molitensis</i>	Asinário (referência a um só tempo ao equivalente do cavaleiro em relação ao “montador de asno” e ao oficial gótico do VI d.C., que traiu seu exército, provavelmente vendendo-se) Molitense (um sofisticado trocadilho com ‘ <i>Melitensis</i> ’, i.e., ‘de Malta’ e ‘ <i>molitor</i> ’, ‘moedor’).
	<i>Doctor legum</i>	Doutor de leis		<i>Coctor gulae</i> ²⁴	Cozinheiro de gula
	<i>In senatu Parisiensi advocatus</i>	advogado no Senado Parisiense		<i>In coeno Pharisii. Rabula.</i>	Rábula, entre o dejetos da Messênia (Messênia: ‘Pharis’ - região agreste do Peloponeso, um trocadilho ‘ <i>Parisii</i> ’, nome celta de <i>Lutetia</i> , hoje, Paris. Além disso, a palavra soa como <i>Pharisaei</i> , Fariseu).

²⁴ Trocadilho *doctor/coctor* (doutor/cozinheiro).

As duas ilustrações que trazem Villegagnon como Polifemo são análogas e foi breve o lapso temporal entre suas publicações, que distam entre si em apenas um ano. A edição de 1561 é um livro com 236 páginas, ao passo que a de 1562 consistia num folheto de apenas 47 páginas, ambos em latim. Berbara (2020: 229) comenta que Richer segue, nas duas gravuras, “a iconografia tradicional do Ciclope: compleição robusta, parcial nudez, único olho no meio da testa. [...] em ambas um Villegagnon/Polifemo em clássico contraposto, apoiado em uma enorme clava e com uma flauta pendurada no pescoço, é figurado um cenário campestre”. Nas duas representações de Villegagnon, o Ciclope é posicionado de forma semelhante, ainda que com distintos tracejados: mostrando a figura de corpo inteiro, com um dos braços apoiados no corpo, o outro segurando uma longa arma, em que parece se firmar, uma das pernas estendida, apoiando o peso do corpo e a outra dobrada, em pose tradicional de retrato. Chincangana-Bayona (2018:189-190) comenta que essa postura era amplamente reproduzida e aborda ter “a ver não só com uma posição de importância, mas também com um estado de ânimo da figura representada, seja europeu ou índio: altivo, desafiante nobre e orgulhoso”.

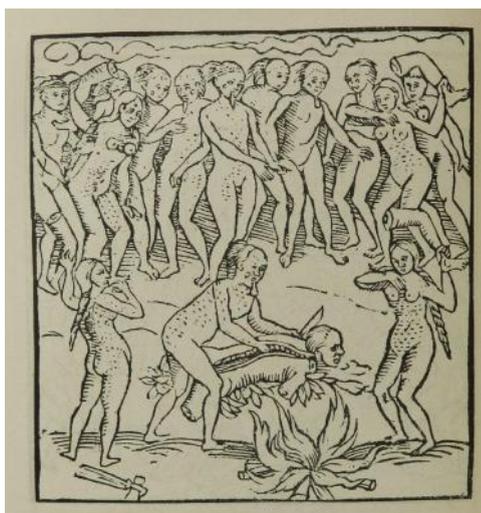
As duas gravuras diferenciam-se em alguns dos elementos visuais. Isso se torna explícito nas posições espelhadas: na edição de 1562 o corpo de Polifemo está virado para a esquerda, enquanto que na edição de 1561 está inclinado para a direita. Distinguem-se também no estilo dos desenhos, nos componentes que preenchem o fundo e na forma em que os elementos textuais estão dispostos, ainda que a mensagem seja idêntica. A edição 1561 (livro) usa uma disposição de clichês mais artesanal e, portanto menos linear, empregando um diagrama de composição ousada e trabalhosa na aurora da prensa.

A observação dos dizeres que compõem as gravuras revela um jogo de palavras de um humor ácido, em que, na parte interna da imagem de 1562, o vice-rei da França Antártica é elogiado e, na parte mais externa, é dito o oposto, criticando-o. Alguns termos utilizados na inscrição da gravura, na parte externa do diagrama, reforçam a barbárie que é atribuída a Villegagnon, principalmente quando Richer o chama de anárquico e ateu. Essas características também serão associadas aos ameríndios, como no *Tratado da Terra do Brasil* de 1576, em que o cronista português Pero de Magalhães Gandavo afirma que os gentios brasileiros não teriam em sua língua os fonemas F, L e R pela ausência da Fé, das Leis e de um Rei na organização social²⁵. E, em um caso mais radical, descreve ainda os aimorés, que tal qual os ciclopes, possuiriam uma dimensão física descomunal, fazendo-os parecer “quase

²⁵ GANDAVO, 1576 [2008], P. 66

gigantes”. O viajante português enfatiza que o idioma dos aimorés era incompreensível por outras etnias, que estes eram canibais, possuíam uma brutalidade animalésca e eram incapazes de viver juntos em uma sociedade organizada²⁶.

Contudo, a selvageria do europeu não é comparável à do indígena, uma vez que, para alguns autores, como Montaigne²⁷, a antropofagia europeia seria ainda pior, dada a violência com a qual ocorria o homicídio e se a carne, quando consumida, estivesse crua²⁸. Há entre a antropofagia e o canibalismo diferenças e semelhanças relativas a quem os pratica e a quem deles é vítima. Por estrita definição, contudo, a antropofagia é o canibalismo humano. A antropofagia, por isso, tem um dado cultural que o canibalismo não tem, uma vez que o canibalismo pode acontecer em qualquer espécie animal, o que o torna mais selvagem. Se a pessoa que ingere a carne come um semelhante, seria um ato de canibalismo, por se tratar do mesmo nível de civilidade e cultura, inclusive dotados de alma. Ainda que os viajantes reconheçam uma alma nos selvagens, ela é limítrofe, dado que precisaria de ser salva. E, em geral, quando um europeu se alimenta de um outro, ressalta-se que o fez com a carne crua, provocando ainda mais um afastamento, em uma alteridade interna. Nas gravuras e nos relatos que se propõem a mostrar os povos indígenas se alimentando de carne humana, como os presentes em *Viagem ao Brasil*, de 1557, de autoria do mercenário alemão Hans Staden, é frequentemente ilustrado a cocção da carne, reconhecendo nos selvagens um costume, mesmo que bárbaro.



²⁶ GANDAVO, 1576 [2008], p. 42

²⁷ Tal ideia, conquanto presente em vários momentos da obra de Montaigne, encontra-se defendida e sintetizada no ensaio *Dos canibais* (*Ensaio* I, XXXI).

²⁸ Vale observar aqui que nas línguas clássicas ocidentais, selvageria, crueldade e crueldade são significados presentes nos mesmos vocábulos, tanto no latino *cruditas* e no grego *ὀμότης*.

Figura 3: imagem dos tupinambás se alimentando de carne humana. In: *Hans Staden: Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil*, 1900 [1557].

Tanto a estrutura dos relatos de viagem quanto seu quadro referencial apelavam, portanto, para um universo que o homem europeu letrado dominava, a saber, o mundo clássico e com várias inserções por recantos do Medieval²⁹. Lestringant (1997: p. 55), professor de literatura francesa renascentista na Universidade de Paris-Sorbonne, adverte que “A montagem entre o saber novo e a ciência antiga é um dos dados fundamentais de todo o relato de viagem no Renascimento”, o que, de resto, pode ser atestado pelas alusões diretas ou indiretas aos textos clássicos feitas pelos viajantes, ainda que tais referências oscilem ao sabor dos graus de letramento formal.

A literatura da Antiguidade se faz presente no imaginário sobre o Novo Mundo na medida em que contribuiu para a representação dos monstros e prodígios descritos, conferindo-lhes inteligibilidade a partir de uma codificação conhecida, um aparato eficaz e acabado para a lida com o que estivesse situado distantemente em tempo ou em espaço³⁰. Mas, além da inteligibilidade, a identificação dos seres do Novo Mundo com os prodígios da Antiguidade Clássica após sobre o Continente que se descortinava a aura do fantástico, que, ao longo de (poucos) séculos, cedeu à da exuberância.

De fato, se antes o Oriente era situado como uma região demarcada pela alteridade, essa expectativa é redirecionada para as Américas. No entanto, o maravilhoso, ainda que se renove, também se exaure, como acontece nos relatos dos viajantes portugueses, que se aproximam de um realismo, uma vez que carecem de seres excepcionais. Tal fenômeno pode ser explicado ao analisar que esses foram os primeiros a explorar as viagens marítimas, o que teria abrandado a sensação de novidade³¹. Giucci (1992:13), professor titular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, escreveu a esse propósito que:

A Ásia encarnou, com seus interiores ignotos, confins imaginários e impérios formidáveis, o reino dos prodígios para os europeus da Baixa Idade Média. O maravilhoso medieval constituiu-se de anomalias, desde monstros pavorosos,

²⁹O Medieval, como se há de tentar mostrar adiante, adentra a Literatura de viagem, bem como outros gêneros discursivos da época, como um acervo popular, frequentemente identitário de uma etnia (europeia) ou de um pertencimento regional.

³⁰ HARTOG, 1980, p. 66

³¹ HOLANDA, 1959, p. 1-14

como arimaspos e blêmios (acéfalos com olhos e boca no peito), até paraísos fantásticos. Não obstante, do conjunto de elementos que o formou destacaram-se os metais preciosos, em particular o ouro e a prata. No Novo Mundo, prolongou-se - embora ao mesmo tempo tenha se complicado e esgotado - esta tradição milenar de projeções deslumbrantes que depositava tesouros inconcebíveis nos espaços inexplorados ou semi-explorados que se consideravam afastados do eixo referencial dos europeus.

A literatura será usada tanto para constituir analogias, ao convidar o leitor a visualizar o objeto narrado, quanto para traduzir, uma vez que não haveria, no Velho Mundo³², termos verdadeiramente adequados para nomear os seres que iam sendo encontrados, assim os monstros da tradição europeia davam nome e imagem mental (que os antigos chamavam de *phántasma*) aos prodígios da natureza americana. Antonello Gerbi explicita essa diferença entre a comparação (analogia) e a transposição (nomeação) ao mencionar Colombo e Vespucci:

As duas expressões, apesar de literariamente idênticas, são, contudo, completamente diferentes em seus significados. Primeiramente, uma coisa é dizer “isso é o Paraíso” e outra completamente diferente é “aqui é como estar no Paraíso”, mas as duas expressões estão totalmente à parte das mesmas fontes literárias. Colombo está pensando na Bíblia, enquanto Vespucci na Divina Comédia. (Gerbi, 1985 [1975]: p. 39)³³

Ademais, a presença de seres fantásticos no Novo Mundo era corroborada também pela demonstração de um poder divino, visto que os europeus tinham a crença de que o Paraíso localizar-se-ia na terra, em algum ponto extremo, e esses monstros exerceriam a função de proteger sua entrada³⁴. Destarte, as Américas seriam o paraíso edênico, em que a convicção acerca de um clima ameno o ano inteiro, a desproporcional quantidade de metais e pedras preciosas seriam, por exemplo, uma confirmação disso³⁵.

Os viajantes seguiam convenção literária implantada por outros viajantes que os precedem³⁶ e, aqui e ali, inspiradas nos relatos de viagem -- fictícios ou não -- da

³² HARTOG, 1980, p. 243-288

³³ *The two expressions, although literally identical, are however entirely different in meaning. First of all, it is one thing to say ‘this is Paradise’ and quite another thing to say ‘this is like being in Paradise’, but quite apart from that literary sources of the two expressions are quite different. Collumbus is thinking of the Bible, Vespucci of the Divine Comedy.* (Gerbi, 1985[1975]: p. 39)

³⁴ HOLANDA, 1959, p. 17

³⁵ HOLANDA, 1959, p. 35-66

³⁶ GIUCCI, 1992, p. 89

Antiguidade Clássica³⁷. Esse modo de escrita foi constituindo um verdadeiro *tópos* do gênero, dando-lhe um caráter fantástico que o faz transitar pelo maravilhoso³⁸, potencializando e superlativando o expediente herodotiano de prestigiar o *θῶμα*, aquilo que causa uma perplexidade que, ainda que se preste a captar atenção e interesse, deve buscar pedagogicamente uma normalização. Giucci (1992:14) parece sintetizar essa perspectiva ao alegar que:

[...] o maravilhoso se movimenta, fluidamente, entre a realidade e o mito, apropriando-se de ambos. Mais que se alinhar com uma ou com o outro, funde ambas as categorias: é uma forma de narrar e de absorver imagens.

Outros fatores contribuem para distanciar suas obras das experiências vividas nas viagens, como, por exemplo, o tempo que demoravam até que as escrevessem; também por se utilizarem os relatos dos seus intérpretes, que, não raro, residiam entre os índios, esses tinham, naturalmente, mais informações a oferecer³⁹.

Ainda assim, há um limite para um possível descompromisso com a realidade ou com a factualidade dos relatos de viagem, já que se o uso pré-codificado das narrativas maravilhosas chegou a atingir o patamar de *tópos* do gênero relato de viagem. Decerto, quando os viajantes se mostram exagerados, são julgados como mentirosos por seus leitores.. Bom exemplo de violação do limite da ficcionalização (com matizes carregadas no fantástico), parece ser o texto de Anthony Knivet, que destoa do modelo -- e de seus *tópoi* --, e, por outro lado aproximava-se das novelas que eram produzidas no período e de sua narrativa fantasiosa⁴⁰, disso, de resto, resultou sua má fama no meio letrado da época e mesmo fora dele.

A presença do prodigioso nas características físicas dos animais e das pessoas não é um critério de verossimilhança ou de inverossimilhança para os relatos, mas, por ser um *tópos* do gênero, pode-se supor que houvesse uma expectativa nesse sentido. Hans Staden, por exemplo, descreve os hábitos antropofágicos dos Tupiniquins e se mantém como uma referência para outros viajantes, sobretudo pelo escândalo canibal que soube tão bem retratar. O caráter prodigioso de sua obra não está, portanto, nas características físicas dos seres que habitariam o território brasileiro, mas em seus comportamentos, mormente na antropofagia,

³⁷ Entende-se aqui por Antiguidade Clássica, um rótulo que, muitas vezes, inclui o que hodiernamente é considerado pré-clássico, como, de forma muito especial, a Odisseia.

³⁸ GIUCCI, 1992, p. 92

³⁹ ORLANDI, 2008, p. 122

⁴⁰ KNIVET, 1591 [2008], p. 13.

que seria o ápice de uma (semi) selvageria⁴¹ e uma marca de bestialidade, em que desconsidera a excepcionalidade dessa prática e seu contexto ritualístico.

Há ainda, a escuta dos viajantes, que é um recurso para quando os encontros diretos com as bestas são inviabilizados ou simplesmente não acontecem⁴². Naturalmente isso pode parecer um pouco razoável se pensarmos que, para eles, o que viam era tão extraordinário que o que não viam poderia ser ainda mais maravilhoso. Esse é, de resto, outra prática que encontra raízes entre as obras referenciais legadas pela Antiguidade Clássica, especialmente na de Heródoto, onde se pode notar com clareza o que pode ser expresso pelo seguinte quadro:

pessoa	primeira	terceira
captação	visão	audição
tempo	presente / simultaneidade	passado / anterioridade

De fato, a propósito do projeto de Candaules (de que Giges visse sua mulher nua, para reconhecer-lhe a beleza inigualável), Heródoto cita o adágio, segundo o qual “ὅτα γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι ἐόντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν” (*História*, 1.8.3) [pois acontece de serem para os homens os ouvidos menos confiáveis do que os olhos]. Heráclito (fr.101aDK), citado por Políbio (Polib. XII, 27), corrobora esse dito: “ὀφθαλμοὶ γὰρ τῶν ὄτων ἀκριβέστεροι μάρτυρες” [pois os olhos são testemunhos mais exatos do que os ouvidos].

Heródoto quando, por exemplo, descreve o Egito, no Segundo Livro das suas “*Histórias*”. François Hartog (1999) aponta que “dizer que se viu com os próprios olhos é, ao mesmo tempo, ‘provar’ o maravilhamento e a verdade: eu o vi, ele é verdadeiro”. Nesse sentido, aquele que viu possui mais credibilidade e, ouvir de outro sobre um prodígio, cria um distanciamento com o que está sendo narrado e isenta o viajante dessa responsabilidade.

⁴¹ Acrescentou-se aqui, por prudência, o termo “semi”, porquanto usassem o fogo, marca distintiva da cultura, como ensinam tanto o cru e o cozido da Antropologia Estrutural quanto o mito de Prometeu, entre outros.

⁴² HARTOG, 1980, p. 298

2. COMO SE DESENHAM OS MONSTROS

Enquanto algumas imagens das edições impressas dos relatos eram compostas por quem descreve os prodígios com os quais alegadamente se depararam; outras, por sua vez, eram elaboradas por ilustradores que sequer vieram ao Novo Mundo, mas que foram capazes de criá-las com base nas interpretações que faziam dos relatos de viagem ouvidos ou lidos, alguns, certamente, foram coagidos a produzir imagens, e não é mesmo improvável que houvesse algum tipo de pressão, direta ou indireta, para que as imagens fossem o mais fantásticas possível. Do tipo singular de relação entre o texto e a ilustração, decorrem contradições entre as representações em que gravuras expõem monstros que não estão presentes nos textos.

As imagens nos relatos desempenham um papel fundamental, uma vez que convidam o leitor “a ver com seus próprios olhos” o que está sendo dito, como argumenta Frank Lestrigrant (1997), e até o posicionamento da linha do horizonte nas imagens reforçam a inserção do leitor naquele ambiente⁴³. As descrições, por sua vez, contribuem para traduzir a alteridade que é construída para aqueles a quem se destina o texto⁴⁴. Hartog (1992: 288) complementa essa ideia ao dizer que “descrever é também saber fazer -- ou ainda, fazer ver um saber”.

Dessa forma, texto e imagem se complementam, pois as imagens correspondem ao texto, ainda que com distorções, e atendem também a uma demanda de um público menos letrado (Chicangana-Bayona, 2018: 96), que, dessa forma, acessa as informações que das quais seriam privados total ou parcialmente. É comum que as imagens de diferentes relatos editados sejam semelhantes entre si, por razões várias que iam da redução dos custos (com o ilustrador e com o clichê) à citação imagética de edições consagradas.

Assim como os referenciais dos textos passam por uma influência dos antigos, isso também acontecerá com as gravuras, devido a uma tradição pictórica antiga, em que até as posições que eles são retratados seguem uma codificação oriunda dos modelos europeus, sem aspirarem ser a figuração de algo espontâneo ou a efigie de um cotidiano, ainda que

⁴³ CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 123

⁴⁴ HARTOG, 1980, p. 298

idealizado. As compleições somáticas, por sua vez, seguindo as mesmas codificações, apresentam corpos robustos e um ideal de beleza⁴⁵.

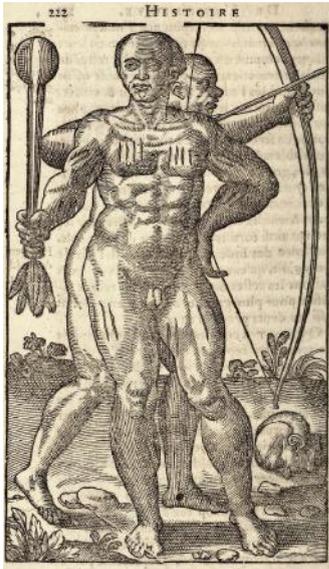


Figura 4: índio tupinambá. In: *Viagem à Terra do Brasil*, Jean de Léry.

Tanto a postura quanto o tipo físico do tupinambá em a *Viagem à Terra do Brasil* faz remetem às esculturas do período clássico, seguramente seus referenciais:



Figura 5: escultura. In: *Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas*, CHICANGANA-BAYONA, 2006.

A relação entre imagem e texto se dá ainda de uma outra forma, por meio de uma prática próxima da éfrase, se se pensar a éfrase qual definida em seu nascedouro como

⁴⁵ CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 186-187

recurso retórico e literário. João Adolfo Hansen, importante pesquisador sobre a produção do século XVI, assim explica:

Na *ékphrasis*, o narrador se define como intérprete (ἐξηγητής) da interpretação que o pintor fez de sua matéria. Assim, geralmente antecipa a exposição das imagens fictícias com a declaração de que as viu diretamente ou que viu uma cópia delas. Esse “como se” é fundamental na ficcionalização da ἐνάργεια, sendo necessário observar que o autor finge transferir para a enunciação do narrador uma imagem pictórica com que compõe o enunciado como se efetivamente fizesse as passagens entre pintura e discurso indicadas por Filóstrato de Lemnos quando se autoneia “hermeneuta”, em suas Εἰκόνες, comentando sua prática como “exercício de eloquência”. (HANSEN, 2017, p. 86)

2.1.

Em *Viagem à Terra do Brasil*, de Jean de Léry, há poucas gravuras que representam o fantástico descrito em sua obra, ainda assim, as duas figuras abaixo são variantes da retratação de um mesmo objeto, os Kaagere, espíritos malignos que, de acordo com o viajante, faziam parte do imaginário religioso Tupinambá e possuíam estranhas formas e das mais variadas, fosse a de quadrúpede, ave ou outra. Os comentários do relato sobre esses “demônios”⁴⁶ se limitam a poucos adjetivos, embora afirme que os tupinambás fossem frequentemente atormentados por esses seres e que somente eles eram capazes de vê-los. Nas imagens, os tupinambás, representados de forma padrão, com o mesmo corte de cabelo e nus, são os únicos a serem atacados por esses espíritos. Já os dois europeus, que são mostrados com o corpo coberto no primeiro plano da imagem, parecem estar imunes aos “demônios”. Além disso, um dos europeus que conversa com o índio aponta para os céus, indicando sua fé e, possivelmente, tentando convertê-lo. O índio com quem eles conversam é uma exceção na figura, pois é o único dentre eles que não está sendo atormentado pelos Kaagere.

⁴⁶ O termo “demônio” usado por Jean de Léry não se refere ao *daimon* grego, mas ao Diabo cristão. Isso fica claro com as alternâncias lexicais e com o fato com as referências à maldade que fazia parte da natureza desses seres.



Figura 6: Kaagere. In: *Viagen á Terra do Brasil*, 2007 [1578].

Em outra representação dos Kaageres as figuras da imagem surgem em diferentes planos:



Figura 7: Kaagere interpretado pelo editor Theodore de Bry, 1592. In: *Americae tertia pars memorabilem provinciæ Brasiliæ historiam continens, Germanico primum sermone scriptam à Ioanne Stadio, nunc autem Latinitate donatam a Teucro Annaeo Priuato Colchanthe [i.e. J.A. Lonicer] Addita est narratio profectionis Ioannis Lerii in eandem provinciam, quam ille initio Gallice conscripsit, postea vero Latinam fecit. His accessit descriptio morum & ferocitatis incolarum illius regiones, atque colloquium ipsorum idioma conscriptum.*

Há, na imagem da edição de 1592, quatro seres híbridos, na parte superior do corpo, caracterizados por compleições femininas e senis, com seios exageradamente pendentes. Chicangana-Bayona (2018) aponta que a iconografia de mulheres velhas é recorrente em Theodore de Bry e aponta para uma degeneração do corpo e da alma devido ao consumo de carne humana provocar um desequilíbrio dos humores⁴⁷. Os híbridos de mulheres e serpentes também parecem carregar muitos significados, convergindo na materialização do mal⁴⁸. Os seres que são uma mixórdia de animais e serpentes que possuem asas, aludindo ao *Gênesis* bíblico, mais precisamente à parte que antecede a punição de Adão e Eva e na qual figura a serpente. O Sátiro, no canto inferior direito da ilustração, é outra figura pagã associada ao Diabo. Os monstros possuem, ainda, quando comparados às figuras humanas, dimensões grotescamente ingentes.

Dentre os prodígios que são usadas como referenciais para ilustrar os Kaagere, é possível identificar híbridos entre cinocéfalos, esfinges, sátiros, serpentes voadoras e tantos outros, presentes não no relato de Léry, que não os descreve, mas nas gravuras de Theodore de Bry. Além disso, esses estranhos monstros se assemelham às figuras trazidas por Heródoto em suas *Histórias*. O historiógrafo menciona a existência de serpentes voadoras (Heródoto, II, LXXV), mulheres que seriam híbridos com serpentes, de nome Equidina (Heródoto, IV, IX) e asnos com chifres (Heródoto, IV, CXCI) - e todos esses monstros coincidem com a representação dos Kaagere de Léry.

A gravura também se aproxima das figuras prodigiosas pintadas por Hieronymus Bosch, que, por sua vez, baseava-se na fauna descrita nos relatos de expedições à África, possivelmente os de Cyriacus d'Ancona, para compor suas pinturas sobre os Jardins do Éden e o Inferno⁴⁹. Isso se evidencia, por exemplo, quando é retratado nos jardins do Éden um monstro que se assemelha à figura da girafa. Bosch e Léry viveram em um período próximo, e as pinturas do holandês precederam apenas em algumas décadas o relato e as edições que viriam a ser produzidas a partir de Viagens à terra do Brasil.

⁴⁷ CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 173

⁴⁸ CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 154-155

⁴⁹ DAUTZENBERG; VELDHUIZEN, [s.d.]



Figura 8: Hieronymus Bosch, *O jardim das delícias terrenas*, óleo sobre painéis de carvalho, 205.5 cm × 384.9 cm (81 in × 152 in), Museo del Prado, Madrid.

Ademais, Léry comenta outros monstros que não foram representados em gravuras. Dentre eles, um monstro marinho que deixa a escolha do leitor decidir se se trata de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho, talvez para mostrar que a criatura era tão extraordinária, que mesmo o bestiário conhecido poderia ser insuficiente para classificá-lo:

Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um **grande peixe** que **segurou a embarcação com as garras** procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a **mão** caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora d'água e **a cabeça, que era de forma humana**, soltou **um pequeno gemido**. Resolva o leitor sobre se se tratava de um tritão, de uma **sereia ou de um bugio marinho** (...)⁵⁰

Nesse trecho do livro, a alusão ao mito da sereia é explícita e partilha de traços do mito celta, em que ambos seriam um ser entre o peixe e o homem. Contudo, diferentemente do que se esperaria, a sereia de Léry é limitada na capacidade de comunicação, em que não só não seduz pela voz, como também a sua fala se reduz a gemidos, que a aproxima mais de seu caráter animalesco. O encontro com o bugio marinho revela ainda a presença de um certo imaginário medieval que aproxima as espécies marinhas das terrestres, é o que ensina Vanessa Gomes Franca (2009):

⁵⁰ LÉRY, 2007 [1578], p. 164 (grifos meus)

Léry refere-se a outro aspecto do pensamento medieval o qual admitia que tudo o que existia num determinado elemento do universo tinha uma contraparte em outro elemento. Desta forma, se existia um homem que habitava na terra havia um homem que habitava no mar. Apesar desta relação de semelhança, existia uma conotação de monstruosidade sobre a espécie correspondente. É ligado a esse pensamento medieval que o cronista francês nos remeterá à figura do tritão, da sereia e do bugio marinho.

A sereia de que o huguenote francês comenta o encontro pode ser associada também com o ipupiara, e, de fato, este ser prodigioso era o protagonista de uma lenda popular que circulava na região com a qual ele poderia ter tido contato⁵¹. O bugio marinho e o ipupiara compartilham de traços semelhantes, como a característica de ser meio homem e meio peixe, além do apetite por carne humana, embora o ipupiara se distingua pelas feições canídeas.

Outra descrição que ressalta o caráter maravilhoso é a do bicho preguiça. Além de possuir uma feição que lembraria as feições humanas, também teria uma excepcional habilidade de se alimentar de vento, um rumor que teria surgido pelo hábito do animal de se alimentar das folhas das copas das árvores em que se fixava e não sair para caçar, como seria de se esperar:

O maior chamado hay pelos selvagens é do tamanho de um cão-d'água e **sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano**; tem o ventre pendurado como o da porca prenhe, o pêlo pardo-escuro como a lã do carneiro preto, a cauda curtíssima, as pernas cabeludas como as do urso e as unhas muito longas. [...] o que parece fabuloso, mas é referido não por moradores da terra adventícios com longa residência no país, é não ter jamais ninguém visto esse bicho comer, nem no campo nem em casa e **julgam muitos que ele vive de vento.** (p. 144)

A obra de Jean de Léry se relaciona criticamente com outras que foram desenvolvidas em períodos próximos a sua, pois menciona e averigua se as informações dadas por outros sobre o continente americano se confirmam ou não. Um exemplo disso é seu conterrâneo, André Thevet, que o huguenote o desmente de modo enfático⁵². Hartog (1999) aponta que as críticas de Léry a Thevet são uma forma de se colocar, diante de seus leitores, como um

⁵¹ MARTINHO, 2017, p. 47

⁵² LÉRY, 2007 [1578], p. 36 (grifos meus)

escritor confiável e legitimar a própria obra. Dessa forma, Léry possuiria tanta credibilidade que é capaz de indicar as inverdades presentes no discurso de um outro⁵³.

2.2. Os monstros de André Thevet

Dos prodígios descritos por André Thevet, muitos se encontram presentes em *Singularidades da França Antártica*, seu livro sobre o Brasil, em que escreve a breve estadia no litoral do Rio de Janeiro em 1557. Dentre as gravuras que ilustram a fauna brasileira, encontra-se o sariguê, hoje mais conhecido como gambá e que terá sua imagem distorcida também por outros autores. Na imagem abaixo, a representação do gambá sugere que seja do gênero feminino, como pode ser observado pela anatomia física com as mamas pendentes e os filhotes que acomoda no dorso das costas, contrapondo-se a anatomia real do gambá, que, sendo um marsupial, carrega suas crias em uma bolsa interna no abdômen.

Assim como o sariguê, outras bestas serão descritas ou representadas por fêmeas. Chicangana-Bayona (2018) sugere que a misoginia do século XVI constrói um imaginário de que as fêmeas -- entre as quais, as mulheres -- seriam naturalmente imperfeitas, até pela forma em que teriam sido criadas, segundo a crença cristã, ou seja, a partir da costela de Adão, e tal origem marca uma debilidade e as tornam mais sujeitas a degeneração.⁵⁴

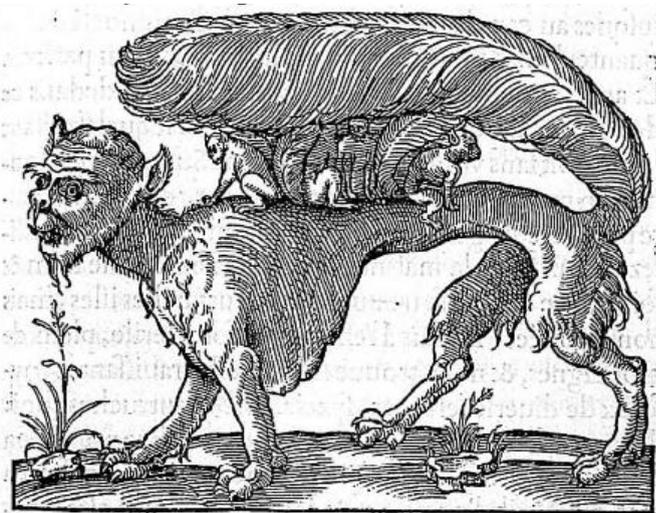


Figura 9: sariguê. *Les singularités de la France antarctique*, André Thevet, 1557.

⁵³ HARTOG, 1980, p. 322-323.

⁵⁴ CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 171

A criatura representada nessa figura em nada se parece com um marsupial. Lembra antes a Quimera, presente em Homero (*Iliada*, VI, 179-182), Hesíodo e Virgílio. Na tradução de Carlos Alberto Nunes dos versos homéricos, “[...] a Quimera/ originária, não de homens mortais, mas de estirpe divina:/ era, na frente, leão; dragão, atrás, e, no meio, quimera,/ que borbotões horrorosos de fogo lançava das fauces”.



Figura 10: Didrachma de Sicyone (Peloponeso), *circa* 380 a.C. Quimera. Fotografia de Marie-Lan Nguyen de 11 de abril de 2008

O Antropólogo e etnólogo Estêvão Pinto, que, em 1944, traduziu e comentou a obra *Singularidades da França Antártica*, compara o sariguê com a descrição feita por outros viajantes, e, partindo de uma análise do animal, considera que Thevet estivesse se referindo, na verdade, à cuíca-d’água, animal que possui os hábitos aquáticos que o francês atribui ao gambá. Ou, nas palavras de Estêvão Pinto:

Também frequentam esses rios uns animais, que os selvagens chamam saricouieune cuja significação, na língua dos índios, é a de beste friande. Trata-se de um anfíbio, que vive mais na água do que em terra. Tem a estatura pouco maior do que a de um gatinho e a pele fina como veludo, com malhas cinzentas, brancas e negras. Seus pés parecem com os de uma ave fluvial. (p. 330)

Em relação a descrição sobre o bicho preguiça, Thevet difere de Léry ao não mencionar a habilidade do bicho preguiça de se alimentar de vento. Ainda assim, ressalta que não viu o animal comer, dando a entender que a alimentação não seria uma necessidade fisiológica do animal. Na narrativa do frade, o bicho preguiça possui mais aspectos humanos, pois, além da feição de criança, malgrado os pelos, ele solta suspiros como um menino grande. Nas palavras de Thevet:

O animal de que falo é, em poucas palavras, tão disforme quanto seria possível crer ou imaginar. Chamam-lhe de haü ou haüthi1 . Tem o tamanho de uma bugia grande da África e o ventre quase arrastando por terra. **A cabeça assemelha-se muito à de uma criança.** E a face também, como se poderá ver da gravura adiante, **feita à vista do natural.** Quando é apanhada, **solta suspiros que só um menino grande,** ao sentir alguma dor. A pele é acinzentada e veluda como a de um urso ainda novo. Os pés, compridos, têm quatro dedos, mas só três unhas, feitas à maneira de espinhas de carpa, com as quais trepa às árvores, onde vive mais do que em terra. Sua cauda é do comprimento de três dedos e pouco peluda. Outra coisa digna de memória é que ninguém jamais viu comer a esse animal, muito embora os selvagens, conforme me afirmaram, o tenham tido sob observação por longo tempo. (p. 33)

Na imagem abaixo, à guisa de ilustração, veem-se dois bichos-preguiça. No primeiro plano, um que encara o espectador, e no fundo, outro, agarrado ao tronco de uma árvore:

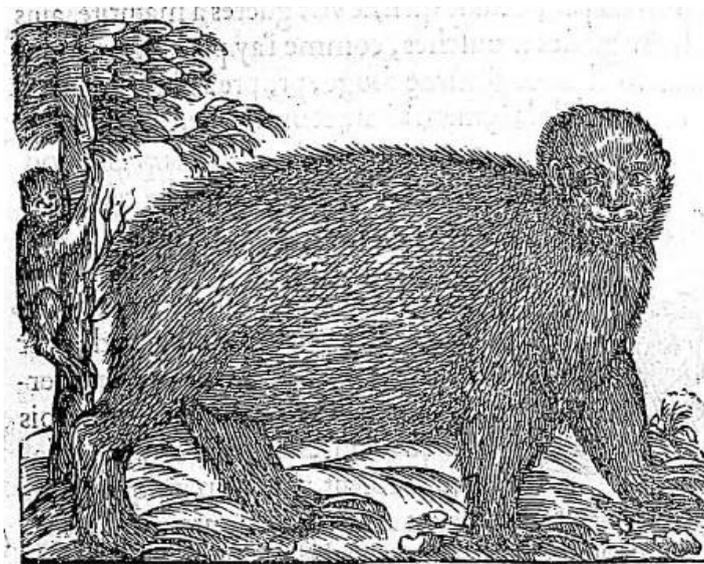


Figura 11: bicho preguiça com feições humanas, denominado como “haü ou haüthi1” por André Thevet. In: Illustrations de Les singularités de la France antarctique, 1557.

Em relação a referência literária mitológica que teria influenciado a gravura do bicho preguiça, Mary Del Priore (2000:44) aponta que teria sido a Mantícora⁵⁵, um monstro de origem oriental com hábitos antropofágicos e que é comentado na obra de Plínio, o velho (*De rerum natura*, VIII, 21).

⁵⁵ PRIORE, 2000, p. 44.

A julgar pela imagem, o panapaná, que Thevet julga ser uma arraia, é mais parecido com um tubarão martelo. Ainda assim, o francês comenta que seria um peixe monstruoso, raro de se encontrar e que possui uma pele extraordinariamente áspera⁵⁶:

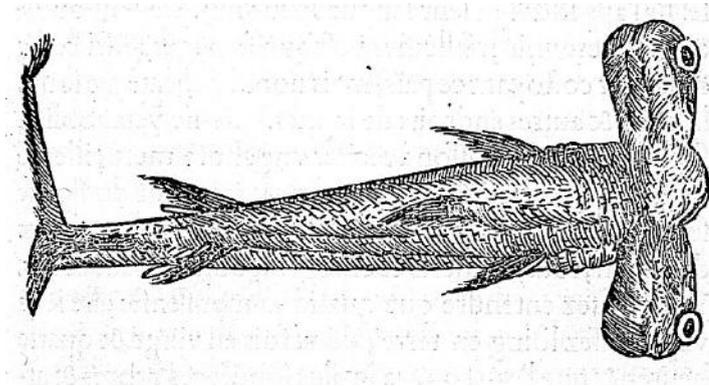


Figura 12: Panapaná. In: *Les singularités de la France Antarctique*, André Thevet, 1557.

O aspecto monstruoso também está presente na representação em palavras e imagens do tucano, e, qual a “arraia” acima, sua aparência não lhe enseja qualquer associação com algum ser mitológico, mas o extraordinário de seu físico o torna alvo do maravilhamento.



Figura 13: Tucano. In: *Les singularités de la France antarctique*, André Thevet, 1557.

⁵⁶ THEVET, 2018 [1557], p. 116.

De fato, o avantajado bico, que destoa das demais aves conhecidas pelos europeus, surpreende e lhe confere o status de um ser exótico e mesmo teratológico. Assim Thevet o descreve:

O tucano vive nos bosques, onde só se alimenta de certas frutas indígenas no país (posso afirmar, por ciência própria, que não se trata de nenhuma ave aquática, como alguém poderia pensar). De resto, **é um animal maravilhosamente disforme e monstruoso**, cujo bico por pouco não é mais grosso e mais largo do que o próprio corpo. (p. 291)

Outrossim, Thevet comenta sobre as Amazonas americanas e especula suas origens com base nos relatos que teria ouvido dos espanhóis, comparando-as com as descritas pelos historiógrafos antigos, pois ambas teriam os mesmos hábitos selvagens.



Figura 14: Amazonas. In: *Les singularités de la France antarctique*, André Thevet, 1557.

Além disso, cria uma categorização das Amazonas com base na região que proviriam, todos esses lugares são considerados, em algum momento, como extremos: a Cítia, a África, a Ásia. O frade pressupõe que as Amazonas americanas seriam descendentes de uma dessas, ainda que não especifique de qual, e compara seus modos com as descritas pelos historiógrafos da Antiguidade:

Tantas jornadas fizeram os espanhóis que foram ter, enfim, a uma região habitada pelas amazonas, cuja existência, aliás, jamais ninguém imaginara, pois os historiadores, visto não conhecerem os países recém-descobertos, nenhuma referência tinham feito dessas guerreiras. Ao contrário da opinião de alguns autores, quero crer que são essas mulheres realmente amazonas, porquanto têm os mesmos costumes de suas homônimas da Ásia. E, antes de ir adiante, é preciso notar que as amazonas, das quais falo, vivem segregadas em certas ilhotas, as quais lhes servem também de fortaleza. Demais, quase não têm outra atividade senão a das guerras perpétuas contra os seus inimigos, – justamente como as amazonas descritas pelos historiadores. De fato, essas ilhas são frequentemente acometidas pelos inimigos, que lhes vão ao encontro, em canoas ou em outras embarcações, atacando-as a flechadas, embora se defendam estas por si mesmas, corajosamente, com ameaças, urros e os mais espantosos gestos. (p. 380)

Apesar de Thevet ser considerado um autor fantasioso, não foi dele a única mão que escreveu *Singularidades*. Isso porque, após retornar a Europa, ficou gravemente doente e, devido a seu estado de saúde, não pôde completar a obra, deixando muito pouco material⁵⁷. Essa tarefa foi destinada ao médico e erudito Mathurin Héret, que não visitou o Brasil, mas escreveu baseado no vasto conhecimento que possuía sobre literatura clássica e de sua área de atuação⁵⁸.

2.3. Os monstros de sir Walter Raleigh

Em *Brevis et admiranda descriptio regni Guianae, auri abundantissimi, in America...* [Breve e admirável descrição do reino da Guiana, abundantíssimo em ouro, na América...], Walter Raleigh traz descrições de animais que são repetidamente considerados pelo autor como bestas, embora não justifique o porquê de considerá-los assim e prefira omitir os detalhes.

Das poucas bestas que apresenta no texto, estão as guerreiras Amazonas flechando homens, demonstrando a peculiar forma de vida das Amazonas dos mitos gregos; todo um povoado com um hábito singular de viver ora na copa de árvores, ora na superfície; os Βλέμμεες, seres anecéfalos que, tal qual as Amazonas, possuem uma relação direta com os referenciais clássicos; serpentes com cornos; o tatu, e o que seria, possivelmente, e o bicho preguiça, de feições humanoides, que não é descrito por ele, mas cuja ocorrência é sugerida nas ilustrações feitas no livro.

⁵⁷ LESTRINGANT, 1997 [2020], p. 55

⁵⁸ LESTRINGANT, 1997 [2020], p. 55-56

Dentre as maravilhas citadas por Raleigh, o exemplo mais significativo são, de fato, os Βλέμμυες, aos quais dá o nome de *Ewaipanoma*. Na obra *Brevis descriptio*, o inglês menciona ter conhecido um espanhol, de quem decide preservar sua identidade e que lhe pergunta se avistara homens que não possuíssem cabeças, pois ele havia avistado muitos deles nas imediações das Guianas. Mesmo negando tê-los visto, o corsário afiança a honestidade do colega, dando-lhe credibilidade à fala, qual Heródoto fazia habitualmente com as narrativas ouvidas. Cairus (2021), aliás, traça um paralelo entre esses prodígios e os apresentados por Heródoto em *Histórias (IV, 191)* e por Estrabão (c. 64 a.C.- c. 24 d.C.), em sua *Geografia (XVII, 1, 2-3)*. Das escassas informações dadas por Raleigh, o corsário narra:

Eu falei com um espanhol que mora não muito longe daqui, um homem de grandes viagens, e depois que ele soube que eu estive na Guiana, e tão diretamente distante a oeste de Caroli, a primeira pergunta que ele me fez foi se eu tinha visto algum dos **Ewaipanoma, que são aqueles sem cabeça**, que sendo considerado um homem honestíssimo, e outras coisas mais, me falou que vira muitos deles [...] (tradução nossa)⁵⁹

Quando examinadas as gravuras com os textos que fazem referência a esse monstro mitológico, notam-se algumas contradições. É sugerido que esses seres são incapazes de conviverem em uma sociedade, como os ciclopes na Odisseia, contudo é incoerente que eles apareçam em bandos nas gravuras, como se convivessem em uma comunidade.

Os Ewaipanomas, por sua vez, são representados a imagem e semelhança dos Βλέμμυες da Antiguidade (CAIRUS, 2021, p.43). Ainda assim, ambos os prodígios podem ser comparados com o mito indígena dos Mapinguari, devido à aparência física. Isso porque os Mapinguaris são seres que possuiriam uma figura humanoide, com as feições no torso frontal do corpo e que perseguiriam homens para devorar suas cabeças, gerando essa mescla entre a literatura erudita e o mito popular indígena.

⁵⁹ I spake with a Spaniard dwelling not far from thence, a man of great travel, and after he knew that I had been in Guiana, and so far directly west as Caroli, the first question he asked me was whether I had seen any of the Ewaipanoma, which are those without heads; who being esteemed a most honest man of his word, and in all things else, told me that he had seen many of them [...]. RALEIGH 1887 [1599]

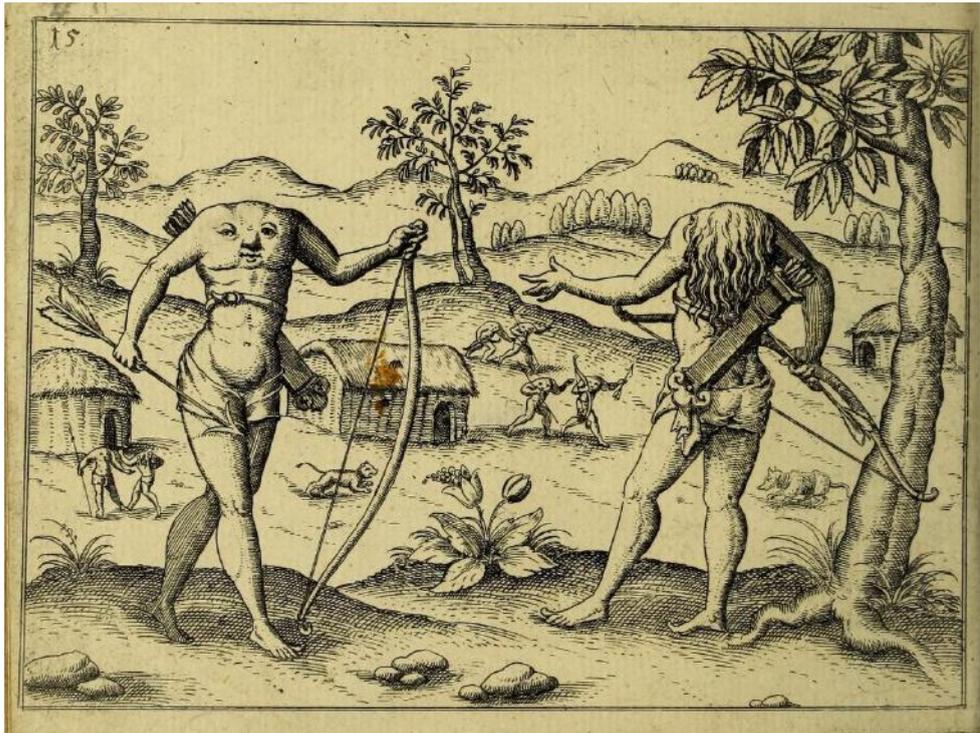


Figura 15: Os ewaipanomas. In: *Brevis et admiranda descriptio regni Guianae, auri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti*, Walter Raleigh, 1599.

Mapiguari, o Ciclope acreano, povoa viva e vividamente o imaginário fantástico de algumas comunidades ao Norte do Brasil. O Escultor paraense radicado no Acre Enock Tavares o representou em esculturas que promovem uma nova leitura da intercessão entre o verbo e o fantasma, essa imagem que a palavra projeta em cada um e também em uma coletividade como um todo.



Figura 16: Mapinguari. escultura de 5 metros de Enock Tavares, localizada no Acre. Foto: Tácia Muniz/G1, 25/02/2020

Numa representação cartográfica do continente sul-americano, no livro *Brevis Descriptio*, podem-se ver algumas outras tribos e animais fantásticos, como a Amazona, que, contudo, não é a única a remeter aos mitos da Antiguidade Clássica:



Figura 17: detalhe de uma mapa da América do Sul, que ilustra o ewaipanoma, a Amazona e animais pertencentes a fauna local. In. *Brevis & admiranda descriptio regni Guianae, avri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti: quod nuper admodum, annis nimirum 1564 [sic], Walter Raleigh, 1599.*

Pela forma que são mostradas as Amazonas na gravura e no texto, é possível traçar um paralelo entre a barbárie que é atribuída a elas e as mulheres indígenas no geral. Tanto a representação das mulheres indígenas quanto das Amazonas americanas parece ressaltar a violência para com os homens e a sedução, nessa complexa relação entre antropofagia e luxúria. Chicangana-Bayona (2018) avalia que:

Essa misoginia encontra suas raízes na Antiguidade Clássica e percorreu a Idade Média, construindo estereótipos negativos da mulher, como traiçoeira, castradora e devoradora de homens, o símbolo do mal, o *instrumentum diaboli* que leva o homem à perdição, da mesma forma que Eva fez com Adão no Éden. (p. 52)

A gravura das Amazonas, abaixo, ilustra essas mulheres guerreiras se defendendo de um grupo de homens, em que corresponde a uma passagem do texto de Raleigh. Apesar da fogueira, não é mencionado, contudo, que elas pratiquem a antropofagia.

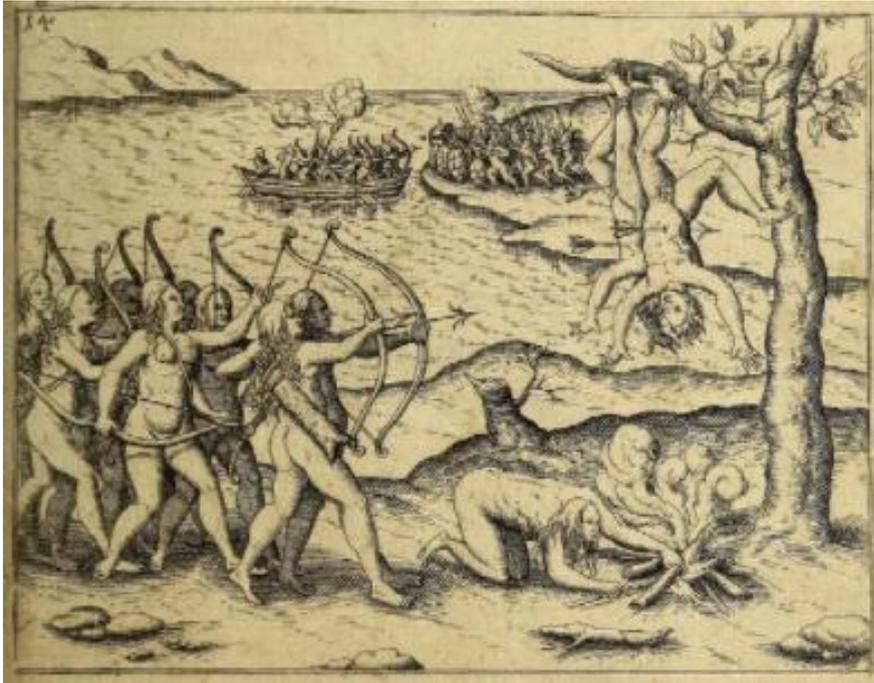


Figura 18: Amazonas. In: *Brevis & admiranda descriptio regni Guianae, avri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti: quod nuper admodum, annis nimirum 1564 [sic], Walter Raleigh, 1599.*

Enquanto a imagem acima expõe a agressividade das Amazonas, a outra, abaixo, também da mesma obra, evidencia a sensualidade delas:

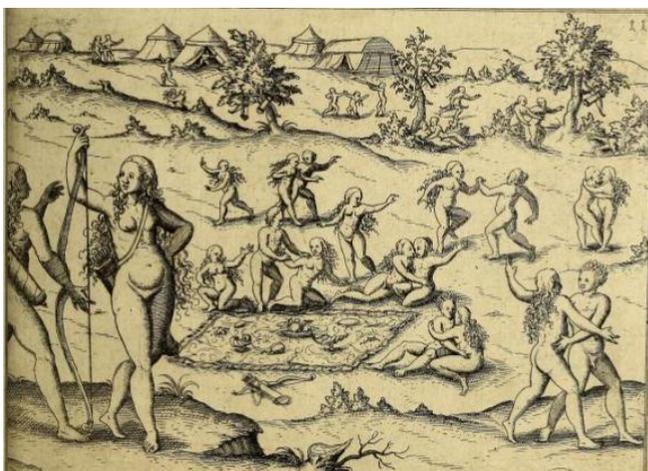


Figura 20: Amazonas americanas. In: *Brevis & admiranda descriptio regni Guianae, avri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti: quod nuper admodum, annis nimirum 1564 [sic], Walter Raleigh, 1599.*

Raleigh abre uma exceção ao discutir a existência das Amazonas americanas:

Eu fiz uma investigação entre os mais antigos e viajados do Orinoco e obtive conhecimento de todos os rios entre o Orinoco e o Amazonas. Eu estava muito

desejoso de entender a verdade daquelas mulheres guerreiras, porque alguns acreditam, outros não: e, embora se desvie de meu propósito, ainda assim anotarei o que me foi entregue como verdade sobre aquelas mulheres. Eu falei com um *cazique*, ou senhor das pessoas, que me disse que ele esteve no rio, e além também. As nações dessas mulheres se localizam no lado sul do rio, na província de Tobago, e suas maiores fortalezas e recuos estão nas ilhas situadas no lado sul, algumas a sessenta léguas de distância dentro da foz do referido rio. [...] Mas as que não estão longe da Guiana acompanham homens uma vez por ano, e pelo tempo de um mês, que eu suponho que por sua relação seja em abril. Nesse tempo, todos os reinos e fronteiras se agrupam, e as rainhas das Amazonas também, e depois que as rainhas fazem as suas escolhas, o resto lança a sorte para conquistar namorados. Nesse um mês, elas fazem festa, dançam e bebem seus vinhos em abundância. Quando a lua se põe, todas elas partem para as suas províncias. Se elas concebem e parem um filho homem, elas devolvem a criança para o pai, se é uma filha, elas nutrem e tomam posse delas; e como muitas geram filhas, dão aos progenitores um presente, todas elas são desejosas de aumentar sua própria espécie. Mas que elas cortem parte do seio direito, não acho que seja verdade. Depois me foi dito ainda que, se há guerras, elas tomam qualquer prisioneiro que costumavam acompanhar, tanto faz a época, mas no fim, certamente, elas os matam, pois elas são muito cruéis e possuem sede de sangue, especialmente com aqueles que ameaçam invadir seus territórios.⁶⁰

A imagem abaixo apresenta três monstros distintos da fauna local. Apesar disso, somente o tatu é de fato descrito por Raleigh, a ele, o pirata dá o nome de *Armadillo* e o qualifica como “besta” (*beast*):

Um deles me deu uma **besta** chamada pelos espanhóis de tatu, que eles chamam de Cassacam, que parece ser todo vedado com pequenas um tanto como os rinocerontes, com o branco chifre crescendo na sua obstrução, tão grande quanto um bom chifre de caça, que eles usam para soprar ao invés de um trompete. Monardus escreve que um

⁶⁰ *I made inquiries amongst the most ancient and best travelled of the Orinococoni, and I had knowledge of all the rivers between Orinoco and Amazons, and was very desirous to understand the truth of those warlike women, because of some it is believed, of others not: and though I digress from my purpose, yet I will set down what hath been delivered me for truth of those women; and I spoke with a cazique, or lord of people, that told me he had been in the river, and beyond it also. The nations of these women are on the south side of the river, in the provinces of Topago, and their chiefest strengths and retreats are in the islands situated on the south side of the entrance, some sixty leagues within the mouth of the said river. [...] But they which are not far from Guiana do accompany with men but once in a year, and for the time of one month, which I gather by their relation to be in April. At that time all the kings of the borders assemble, and the queens of the Amazons, and after the queens have chosen, the rest cast lots for their valentines. This one month they feast, dance, and drink of their wines in abundance, and the moon being done, they all depart to their own provinces. If they conceive and be delivered of a son, they return him to the father, if of a daughter, they nourish it and retain it; and as many as have daughters send unto the begetters a present, all being desirous to increase their own sex and kind; but that they cut off the right dug of the breast I do not find to be true. It was further told me that if in the wars they took any prisoners that they used to accompany with those also at what time soever, but in the end for eertain they put them to death; for they are said to be very cruel and bloodthirsty, especially to such as offer to invade their territories. RALEIGH, 1887 [1599], p. 40-43.*

pouco de pó desse chifre aplicado dentro do ouvido cura a surdez. (p. 94, tradução nossa)⁶¹.

A gravura apresenta três bichos-preguiça, três *simi vupa*⁶² com seus filhotes e o tatu (chamado “Armadilio”, na imagem):



Figura 21: Bestas como o tatu, raposa e o bicho de preguiça. In. *Brevis & admiranda descriptio regni Guianae, avri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti: quod nuper admodum, annis nimirum 1564* [sic]., Walter Raleigh, 1599.

A gravura sugere o encontro com o bicho preguiça, que está presente no centro inferior da imagem e na copa da árvore e também as *simi vulpae*, e que está amamentando sua cria e fugindo de ser caçada. Raleigh, porém, em nenhum momento menciona em seu texto esses animais. Esse descompasso entre o que é dito e mostrado é justificado pelo próprio autor, que declara explicitamente optar por omitir as bestas que teria avistado por

⁶¹ *one of them gave me a beast called by the Spaniards Armadillo, which they call Cassacam, which seemeth to be all barred over with small plates somewhat like to a rhinoceros, with a white horn growing in its hinder parts, as big as a great hunting horn, which they used to wind instead of a trumpet. Monardus writeth that a little of the powder of that horn put into the ear cureth deafness.* RALEIGH, 1887 [1599], p. 94.

⁶² A *simi vulpa* ou *vulpes simia* é um animal que, como ensina John Lowth (1722:881), está entre a raposa (*vulpes*) e o símio (*simia*).

julgar que não fosse interesse de seu leitor, ao escrever: “Temo que falar das inúmeras [bestas] e das mais variadas seria problemático para o leitor e, portanto, eu as omitirei.”⁶³ (p. 139 e 140).

Outro aspecto que se destaca na imagem é a raposa, que adquire características físicas de outro animal que frequentemente está presente nos relatos de viagem sobre as Américas, o gambá. Sem dúvida, a raposa é evocada para fins de inteligibilidade do gambá, mas isso redundante na representação de um ser híbrido, visto que possui a bolsa na região do tórax, característica do marsupial, com as suas crias resguardadas; porém, mantém a constituição canídea.

O erudito cosário inglês menciona com certa frequência que as Américas possuiriam uma quantidade surpreendente de animais peçonhentos, mas não detalha suas características. No mapa produzido por Theodore de Bry, é possível encontrar um exemplar de uma serpente, que se distingue por possuir três cornos acima da cabeça:

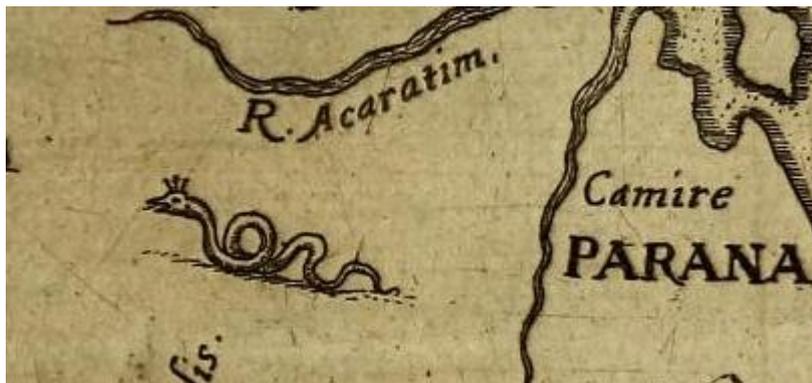


Figura 22: Cobra com três chifres In. *Brevis & admiranda descriptio regni Guianae, avri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti: quod nuper admodum, annis nimirum 1564 [sic].1599.*

A imagem abaixo retrata a tribo que Raleigh diz ser nômade. Contudo, a migração que efetuam resume-se à alternância entre a terra e a copa de árvores de raízes submersas. O nomadismo dessa tribo parece ser um extremo de um comportamento que por si só já é considerado bárbaro pelos europeus. A gravura se distancia do texto, por mostrar árvores desproporcionais e ilhas cujo relevo é inexistente tanto no local referido quanto na descrição verbal da obra.

⁶³ To speak of the several sorts of every kind I fear would be troublesome to the reader, and therefore I will omit them [the beasts], RALEIGH, 1887 [1599], p. 134 E 135.

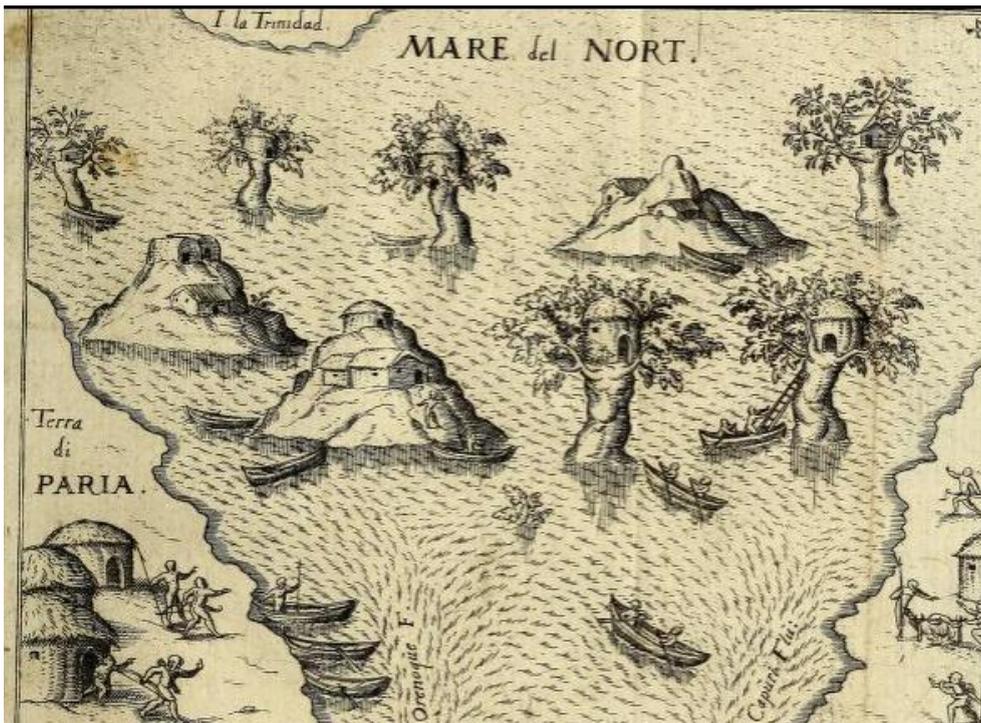


Figura 23: povo "nômade" que habita a copa de árvores em alternância de migrarem para o chão. In. *Brevis & admiranda descriptio regni Guianae, avri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti: quod nuper admodum, annis nimirum 1564 [sic], Walter Raleigh, 1599.*

Embora seja possível encontrar descrições de portentos no texto de Raleigh, e em outros autores ingleses como Richard Hakluyt e Anthony Knivet, sua ocorrência não é algo tão frequente. Isso porque as viagens (e as narrativas delas oriundas) que eram feitas pelos ingleses ao Brasil no século XVI priorizam as transações comerciais que eram efetuadas pelos corsários e piratas⁶⁴, diferenciando-se de viajantes de outras nacionalidades que priorizavam detalhar o território para fins exploratórios.

2.4. O Ipupiara de Gandavo

Em “Histórias da Província de Santa Cruz”, de Pero Magalhães Gandavo menciona um único prodígio, o Ipupiara, que o nome teria como tradução “demônio d’água”⁶⁵. Ainda assim, esse ser combina diversas referências, em razão de ser uma apropriação dos mitos tupis imiscuídos com os mitos nórdicos das sereias e com os cinocéfalos da Antiguidade, embora a associação não tenha sido diretamente feita pelo viajante e os únicos pontos que

⁶⁴ HUE; SÁ, 2020, p. 196-199

⁶⁵ GANDAVO, 1576 [2008], p. 131.

teriam em comum são o habitat aquático⁶⁶, a barbatana, e a cabeça de feições caninas. “A hibridez, ou confusão fisiológica, como diz Cascudo, entre os monstros europeus e o fabulário indígena resultou, segundo ele, num ‘novo mosaico de pavores’ (Câmara Cascudo *apud* Mary del Priore, p.87).

As imagens, que Gandavo afirma terem sido “tiradas pelo natural”, realmente coincidem com os elementos que ele descreve sobre o Ipujiara, em relação ao bigode, garras, barbatanas e traços humanóides:

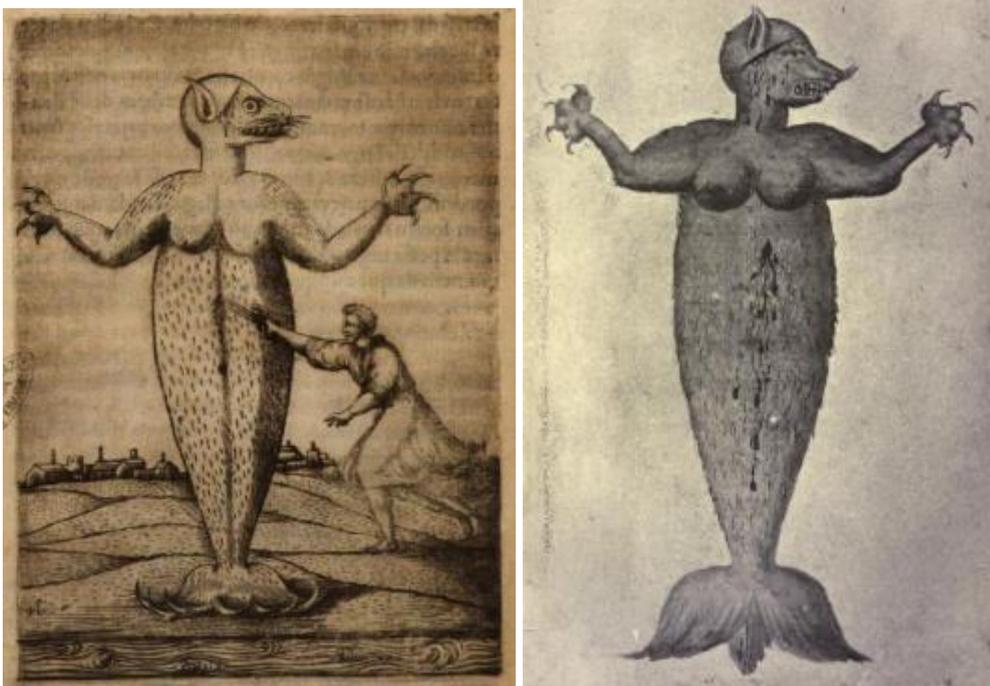


Figura 24 e 25: Ipujiara. *Nossa primeira historia: 5 gravuras*, Cintra, 1922 e *The histories of Brazil*, Gandavo, 1922

O viajante português destaca o caráter monstruoso do Ipujiara. Porém, a aparência feminina que está presente nas ilustrações não aparecem em seu texto. O lado antropomórfico do monstro se restringe a ter um rosto e a capacidade se manter ereto sobre as barbatanas, sendo mesmo capaz de sobre elas caminhar:

Nisto conheceu o mancebo que [o monstro] era aquilo coisa do mar e antes que nele se metesse, acodiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira, e vendo **o monstro** que ele lhe embargava o caminho, **levantou-se direito para cima como um homem ficando sobre as barbatanas do rabo**, e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lha no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não pode o monstro levá-lo debaixo de si: porém não pouco

⁶⁶ CAMENIETZKI; ZERON, 2000, p. 112.

afrontado, porque o grande torno de sangue que saiu da ferida lhe deu no **rosto** com tanta força que quase ficou sem nenhuma vista: e tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava e assim ferido urrando com a boca aberta sem nenhum medo, remetou a ele, e indo para o tragar a unhas, e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cutilada mui grande, com a qual ficou já mui débil, e deixando sua vã porfia tornou então a **caminhar** outra vez para o mar. [...] (p. 130)

A descrição continua pouco adiante, assinalando a sua raridade :

Era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muito grandes como bigodes. Os índios da terra lhe chamam em sua língua ipupiara, que quer dizer demônio da água. Alguns como este se viram já nestas partes, mas acham-se raramente [...]. (p. 131) ⁶⁷

A caracterização plástica do Ipupiara como parcialmente cinocéfalo corresponde ao texto na medida em que esse ser mitológico é associado, na tradição clássica, a práticas antropofágicas, o que é reforçado quando Gandavo narra o ataque que sofreu. Nesse sentido, é estabelecida e corroborada a relação da prática antropofágica com a selvageria atribuída aos povos indígenas através da representação. Lestringant (*apud* Chicangana-Bayona 2018 [1997] :72) explicita a relação entre o canibalismo e as feições caninas do rosto:

A intrusão de elementos com a cabeça de cão no teatro do Novo Mundo traduz a impressionante força de mitos legados pela Antiguidade. Mas ela opera, por outro lado, uma espécie de condenação fantasmagórica. Testemunhas do imaginário americano em seu estado arcaico, os açougueiros cinocéfalos de Estrasburgo conjugam o canibalismo real dos povos do Extremo-Ocidente com a suposta aparência canina daqueles do Oriente. Entre os dois, a ligação é feita por um jogo de palavras - canis - caniba

Gandavo menciona que o ipupiara teria surgido em outros lugares no mundo, fazendo alusão a autores que narram a aparição e o encontro com essa figura fantástica. Contudo, quando se comparam as gravuras do ipupiara de Gandavo com as que teriam surgido em outras localidades, os monstros se distinguem em seus aspectos físicos, em que pouco parecem ter em comum além do nome, das feições caninas e do sexo feminino. Enquanto o ipupiara brasileiro é um animal marinho, de barbatanas e garras, no lugar das mãos, o outro, o que teria surgido em outras partes do mundo, possui pés análogos ao das aves, com um corpo que se assemelha à estrutura de uma vulva, com dois orifícios nas extremidades, e também um diferencial de ter localizado no centro de seu dorso órgãos genitais masculinos, sugerindo um ser hermafrodita, uma vez que também possui seios.

⁶⁷ GANDAVO, 2008 [1576], p. 131



Figura 26: Ipupiara na interpretação de Nicollò Nelli

Outra figura do Ipupiara, análoga, em que esses elementos se repetem está na obra de Matheus Franken:



Figura 27: Ipupiara na interpretação de Matheus Francken.

Apesar das imagens do Ipupiara carregarem diferenças tão nítidas entre si, parece haver um padrão quanto a ação representada: nota-se nelas um homem em postura corporal quase invariável que fere a besta com uma espada no torço, na altura do que seria o umbigo, ou como na gravura de *The history of Brazil*, em que a ferida seria o resquício desse encontro. Caminietzki e Zeron (2000: 119-120) comentam que:

Entre os opúsculos de Nelli e Francken e a versão de Gandavo, encontramos poucas diferenças no que diz respeito ao relato em si. As diferenças restringem-se a três aspectos menores: a) Gandavo diminui o tamanho do Ipuiara de dezesseis a dezessete pés de comprimento para quinze palmos – a proporção do homem com relação ao monstro se mantém contudo em todas as três gravuras; b) na narrativa de Gandavo, o conquistador português que mata o Ipuiara sobrevive às investidas do monstro, ficando apenas em profundo estado de choque «por um grande espaço [de tempo]»; c) Gandavo produz enfim uma incongruência temporal entre sua própria narrativa e a sua gravura, na medida em que a segunda ferida causada ao monstro, na cabeça, já aparece representada enquanto o matador está ainda executando a primeira estocada, na barriga – erro em que não incorrem as demais gravuras. Em oposição a Nelli e Francken, Gandavo tende a romancear bastante a história.

Em *Tratado da Terra do Brasil*, o homem que mata o Ipuiara é identificado por Gandavo, como Baltasar Ferreira, filho de um capitão português. Porém, não é ele que está presente nas gravuras de Nicollò Nelli e Matheus Francken, que retratam uma diferente circunstância para o evento embora sigam o mesmo modelo de representação.

3. CONCLUSÃO

Aqui se encerra, mas não se conclui, esta Monografia com a qual pleiteio o título de Licenciado em Letras. É esta pesquisa a parte inicial de uma pesquisa acerca de como erigiram os autores viajantes o imaginário de um Novo Mundo prodigioso, monstruoso, assustador, mas sobretudo deformando. O império da lascívia que, na aurora do século XVII, escandalizou o puritano Barléu gerou monstros híbridos e práticas monstruosas, terríficas que, desde então e, de certa forma até hoje, povoam a ideia que faz o chamado Velho Mundo ocidental destas terras subequatoriais.

A pesquisa não pretende o mero elenco dos prodígios construídos em palavras e imagens pelos autores aqui estudados, mas sim lançar luzes sobre um obscuro capítulo da história da nossa imagem e da nossa autoimagem.

Os viajantes autores do século XVI foram soerguendo um Mundo Novo constituído de discurso, de um discurso ou de uma teia discursiva suficientemente poderosa para lograr consequências em longa duração. A proposição de um hibridismo de espécies, uma das formas de monstrificação de nosso continente, relaciona-se, talvez como precursor, do hibridismo racial, assim como as espécies degeneradas relacionam-se com uma degenerescência moral, a partir tanto do clima quanto de um hibridismo voluptuoso. A antropofagia e a lascívia teratogênicas, como ensinou Gerbi (2010), descortinam um universo mais próximo da natureza do que da cultura, mas sempre em graus oscilantes, qual ocorre na Odisseia. Essa oscilação da proximidade entre natureza e cultura é fundamental para a diferenciação dos prodígios da gênese à aparência.

Muito cedo, ainda no século XVI, o acervo de qualificadores e epítetos dedicados aos seres monstruosos tornam-se explicitamente vitupério, fornecendo bom acervo às invectivas, como se viu na imagem relaciona Villegagnon aos monstros com ele lidava, traduzindo-o como Polifemo.

Homem representado como monstro. Mas também vimos monstros representados como homens. A fisionomia dos monstros nas ilustrações das obras estudadas eram frequentemente humanoides, e, na continuidade da pesquisa que aqui se inicia, poder-se-á demonstrar o quanto a fisionomia não só dos monstros mas também de certos animais não humanos, em especial dos símios, é desenhada sob os preceitos da fisiognomia.

Esta Monografia que ora submeto à avaliação é, pois, o primeiro produto de uma pesquisa sobre como o legado da Antiguidade Clássica municiou de imagens a construção de uma parte importante da identidade sul-americana.

BIBLIOGRAFIA:

BRY, Theodor de. *Americae tertia pars memorabilē provinciæ Brasiliæ historiam continēs, Germanico primùm sermone scriptam à Ioãne Stadio, nunc autem Latinitate donatam à Teucro Annæo Priuato Colchanthe [i.e. J.A. Lonicer] Addita est narratio profectionis Ioannis Lerij in eandem provinciam, quã ille intio Gallicè conscripsit, postea verò Latinam fecit. His accessit descriptio morum & ferocitatis incolarum illius regiones, atque colloquium ipsorum idiomate conscriptum.* [S.l.]: venales reperiūtur in officina T. de Bry, 1592, 338 p.

BERBARA, Maria. Sobre o Polifemo de Pierre Richer: a França Antártica e o canibalismo do outro. In: BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). **França Antártica: ensaios interdisciplinares.** Campinas: Editora Unicamp, 2020. Cap. 8. p. 225-234.

Hieronymus Bosch, **O jardim das delícias terrenas**, óleo sobre painéis de carvalho, 205.5 cm × 384.9 cm (81 in × 152 in), Museo del Prado, Madrid.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller; ZERON, Carlos Alberto. **Quem conta um conto aumenta um ponto: o mito do Iupuiara, a natureza Americana e as narrativas da colonização do Brasil.** Revista de Indias, Madrid, v. 60, n. 218, p. 111-134, 2000.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de achamento do Brasil.** Campinas: Editora Unicamp, 2019. 136 p. Edição comentada por: Sheila Hue.

CAIRUS, Henrique Fortuna. **A Natureza Degenerante: o Brasil de Hipócrates.** Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2021. 156 p.

CINTRA, Assis. **Nossa primeira historia: com 5 gravuras.** Cayeiras: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1922. 170 p.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. **Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas.** São Paulo: História, v. 25, n. 2, p. 15-47, 2006.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. **Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do Maravilhoso Medieval ao Exótico Colonial (séculos XV-XVII).** 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018. 264 p. Tradução de: Marcia Aguiar Coelho

CONTE, Gian Biaggio. **Critical notes on Virgil: Editing the Teubner Text of the Georgics and the Aeneid.** [S.l.], Gruyter, 2016. 111 p.

DAUTZENBERG, Liz; VELDHUINZEN, Daan. Jheronimus Bosch, the Garden of Earthly Delights. Disponível em: <<https://archieff.ntr.nl/tuinderlusten/en.html>>. Acesso: 25 nov. 2021.

Didrachma de Sicyone (Peloponeso), *circa* 380 a.C. Quimera. Fotografia de Marie-Lan Nguyen de 11 de abril de 2008.

ELIAS, Norbert. O Processo civilizador. volume 1: Uma história dos costumes. Apresentação Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FRANCA, Vanessa Gomes. **O imaginário medieval bestiário em Viagem à terra do Brasil de Jean de Léry.** <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero42/jeanlery.html>

GANDAVO, Pero de Magalhães. **The histories of Brazil.** New York: The Cortes Society, 1922. 290 p. Tradução de: John B. Stetson, Jr.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província santa cruz, a que vulgarmente chamamos brasil.** Brasília: Senado Federal, 2008. 158 p. (Volume 100). Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2021.

- GERBI, Antonello. **Nature in the New World: From Christopher Columbus to Gonzalo Fernandez de Oviedo.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010. 480 p. Tradução de Jeremy Moyle
- GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750 - 1900).** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996. 807 p. Tradução de: Bernardo Joffily.
- GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 264 p. Tradução de: Josely Vianna Baptista.
- STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Porto Alegre: L&P Pocket, 2008. 192 p. Tradução de: Angel Bojadsen.
- STADEN, Hans. **Hans Staden: suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1900. Tradução de: Alberto Löfgren; notas de: Sampaio Teodoro.
- HANSEN, J. A. **Categorias epidíticas da ekphrasis.** Revista USP, (71), 85-105, 2006 <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i71p85-105>
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora Humanitas, 1980. Tradução de: Jacyntho Lins Brandão. 486 p.
- HERÓDOTO. **Histórias.** [sl]: Editora Ebooksbrasil, 2006. 770 p. Tradução de: J. Brito Broca.
- HOMERO. **Ilíada.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016. 551 p. Tradução de: Carlos Alberto Nunes
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959. 368 p.

HUE, Sheila; SÁ, Vivien. K. Lessa de. **Ingleses no Brasil: Relatos de viagem 1526-1608.** Campinas: Editora Chão, 2020. 303 p.

KNIVET, Anthony. **As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet:** memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens. 2. ed. Rio de Janeiro: editora Zahar, 2008. 255 p. Tradução de: Vivien Konegut de Sá
Organização de: Sheila Moura Hue.

LEMOS, Maya Suemi. A França Antártica como teatro da diferença. In: BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). **França Antártica: ensaios interdisciplinares.** Campinas: Editora Unicamp, 2020. Cap. 8. p. 203-224.

LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2007. 303 p. Tradução de Sérgio Milliet.

LESTRINGANT, Frank. O relato de viagem e a questão dos gêneros literários: o exemplo de as singularidades da França Antártica. In: BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). **França Antártica: ensaios interdisciplinares.** Campinas: Editora Unicamp, 2020. Cap. 1. p. 55-75. Tradução de: Renato Menezes Ramos.

LOWTHORP, John. The Philosophical Transactions ... Abridged. Londres: Royalty society, 1722.

MARTINHO, Isaque Benevides. **A crônica luso-brasileira e estrangeira sobre o Brasil colonial:** literatura, história e imaginário coordenação, [S. d.].

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2016. 1032 p. Tradução de: Sérgio Milliet.

MUNIZ, Tácita. 'Monstros' da Amazônia decoram jardim de casa de artesanato no Acre, G1, Rio Branco, 25 set 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/09/monstros-da-amazonia-decoram-jardim-de-casa-de-artesao-no-acre.html>. Acesso em: 27 nov 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à Vista**: discurso do confronto - velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008. 388 p.

PRIORE, Mary del. **Esquecidos por Deus**: monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos xvi-xviii). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000. 148 p.

RALEIGH, Walter. Brevis & admiranda descriptio regni Guianae, avri abundantissimi, in America, seu novo orbe, sub linea aequinoctilia siti: quod nuper admodum, annis nimirum 1564 [sic]. 1595 & 1596. Per generosium dominum Dn. Gualtherum Raleghe quitem Anglum detectum est: : paulò post jussu ejus duobus libellis comprehensa: ex quibus Iodocus Hondius tabulam geographicam adornavit, addita explicatione Belgico sermone scripta: nunc verò in Latinum sermonem translata, & ex variis authoribus hinc inde declarata. Noribergae [i.e. Nuremberg]: Impensis Levini Hulsii, 1599. 52 p.

RALEIGH, Walter. **The discovery of Guiana**: and the journal of the second voyage thereto. London: Cassel, 1887. 284 p. Disponível em: <https://archive.org/details/discoveryofguian00raleuoft/page/n1/mode/2up>. Acessado em: 03 nov. 2021.

RICHERIUS, Petrus. Petri Richerii Libri duo apologetici ad refutandas nænias, & coarguendos blasphemos errores, detegendaque mendacia Nicolai Durandi qui se Villagagnonem cognominat., 1561. 235 p.

WELCHELUS, Andreas. De venerandissimo ecclesiae sacrificio ... adversus Calviniani evangelij sectatores. Editio secunda ab ipso authore aucta ac emendata, 1562. 47 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Tatiana Oliveira. **A apódexis herodotiana**: um modo de dizer o passado. 2010. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

THEVET, André. **Les singularités de la France antarctique**. Paris: La Porte, 1558, 338 p.

THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**: a que outros chamam de América. Brasília: Senado Federal, 2018. 508 p. Tradução de: Estêvão Pinto.

ZANON, Camila Aline. **Onde vivem os monstros**: criaturas prodigiosas na poesia hexamétrica arcaica. Tese de doutorado em Letras Clássicas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016, 312 p.



Fernanda Jardim <f.jardimfa@gmail.com>

Fw: Monografia Fernanda Jardim - avaliação

1 message

Henrique Cairus <hcairus@ufrj.br>
Reply-To: Henrique Cairus <hcairus@ufrj.br>
To: Fernanda Jardim <f.jardimfa@gmail.com>

Mon, Dec 13, 2021 at 12:10 PM



Henrique F. Cairus
Professor Titular
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
<http://www.pec.ufrj.br/proaera>
hcairus@ufrj.br

----- Mensagem encaminhada -----

De: Sheila Hue <sheila.hue@gmail.com>
Para: Henrique Cairus <hcairus@ufrj.br>
Enviado: segunda-feira, 13 de dezembro de 2021 10:46:53 BRT
Assunto: Monografia Fernanda Jardim - avaliação

Caro Sr. Prof. Henrique Fortuna Cairus,

Bom dia.

Tendo lido e avaliado a monografia da aluna Fernanda Jardim, intitulada "MONSTROS GREGOS NA RENASCENÇA: Representações prodigiosas do Novo Mundo", parabênizo o colega e aluna pelo trabalho de excelência.

Nota: 10,0

Com os melhores cumprimentos,

Sheila Moura Hue

Professora Adjunta
Instituto de Letras
Universidade do Estado do Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA LITERATURA

PARECER SOBRE MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

Título: Monstros gregos na Renascença: representações prodigiosas do Novo Mundo

Autora: Fernanda Jardim

Orientador: Henrique Cairus

Coorientadora: Sheila Moura Hue

Na monografia *Monstros gregos na Renascença: representações prodigiosas do Novo Mundo*, Fernanda Jardim debruça-se sobre um *corpus* que demanda considerável grau de erudição para ser abordado. Por isso, de saída, é um mérito do trabalho o fato de tornar legível, acessível ao público, os materiais que reproduz e comenta – generosamente, chega a oferecer quadros detalhados, com decupagem dos elementos integrantes das imagens acompanhada de traduções e identificação de fontes de citações.

É uma grata surpresa para o leitor o amplo leque de informações sobre o objeto de estudo que a autora foi capaz de reunir, estando ainda em estágio relativamente inicial de sua formação como pesquisadora. Além de conhecimentos linguísticos, literários e iconográficos que permitem a análise de imagens (e inscrições nelas presentes), são mencionados eventualmente aspectos como demanda mercadológica, injunções editoriais, variedade de edições etc. Também são mobilizados recursos de outras áreas de conhecimento (História e Antropologia) a partir de bibliografia selecionada com muita precisão. Desse modo, conforme são comentadas e comparadas as imagens selecionadas, a incorporação de referências da antiguidade grega para a representação renascentista de povos e da natureza encontrados por viajantes no território que viria a ser o Brasil é apresentada em perspectiva abrangente, efetivamente esclarecedora. Sobretudo porque fica indicado no trabalho um horizonte de problemas relevante e dotado de atualidade, uma vez que, como nota a autora, essa iconografia tem implicação em estratégias políticas e discursivas que informaram a relação dos colonizadores europeus com os povos sul-americanos, é historicamente constitutiva de nossa imagem e autoimagem.

Trata-se de monografia que merece ser aproveitada como etapa de desenvolvimento de projeto para pós-graduação. E vale ressaltar que esse rendimento sinaliza não só a competência da autora mas também o valor do trabalho coletivo e continuado de grupos de pesquisa como o PROAERA, para o qual certamente Fernanda Jardim continuará aportando contribuições significativas como essa.

NOTA: 10,0

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2021.

DANIELLE CORPAS
Professora Associada de Teoria Literária
Faculdade de Letras da UFRJ
SIAPE 3303029